

AVALIAÇÃO AUDIOLÓGICA

é aliada no desenvolvimento de
bebês com microcefalia
decorrente do Zika Vírus

● Saúde

Como evitar o bullying e seus efeitos negativos sobre quem gagueja?

● Entrevista

Entrevista especial com o presidente do Conasems, Mauro Junqueira

● Editorial	03	● Entrevista Entrevista especial com o presidente do Conasems, Mauro Junqueira	
● A Voz dos Crefonos		● Capa Avaliação audiológica aliada no desenvolvimento de bebês com microcefalia	38
Crefono 1 Seminário Somos Todos Fonoaudiologia	04	Fono na Política ● Prefeitura de São Paulo veta projeto de lei sobre dislexia	41
Crefono 2 Mudanças na Formação em Fonoaudiologia	09	Por dentro da Profissão ● Uso da Tecnologia na Fonoaudiologia	45
Crefono 3 Fonoaudiologia Proativa		Fique de Olho ● Confira nossa agenda com os principais eventos da Fonoaudiologia	49
Crefono 4 Fonoaudiologia nos traumas de faces decorrentes de acidente de trânsito.....	14	Campanhas ● Incentivo a amamentação como um ato natural e sustentável	53
Crefono 5 Projeto de Saúde Auditiva atende alunos em Porto Velho	18	Conselho Orienta ● Revalidação da Cédula de Identidade profissional	53
Crefono 6 Fonoaudiologia Educacional ganha Crefono 6	23	Atuação do Fonoaudiólogo em Disfagia	59
Crefono 7 Crefono 7 participa de reunião com secretário da Saúde de Porto Alegre e cobra vagas para fonoaudiólogo	27	● Saúde A importância de extrapolar os muros em prol da qualidade de vida	61
Crefono 8 Palestras aproximam população dos cuidados fonoaudiológicos	30		68
	33		



A contribuição da Fonoaudiologia jornalística nas Olimpíadas



As fonoaudiólogas Sylvia Boechat e Deborah Feijó, com o jornalista PH Peixoto: “O trabalho delas foi fundamental”

Rose Maria - repórter

Quem acompanhou a cobertura das Olimpíadas 2016 pela TV ou internet deve ter ficado satisfeito. A Sport TV, por exemplo, colocou 16 canais à disposição do assinante, com programação 24 horas. Mas poucos pararam para pensar na preparação das emissoras para a maratona jornalística que foi cobrir 42 modalidades olímpicas, em 19 dias de competição, com 308 provas,

Logística para o sucesso da cobertura das Olimpíadas Rio 2016

reunindo quase 12 mil atletas de 208 países. Muito menos, como a Fonoaudiologia foi fundamental para o sucesso dessa cobertura.

As fonoaudiólogas Deborah Mello Feijó (CRFa1-4464) e Sylvia Boechat Coutinho (CRFa1-11.208) trabalharam muito para que ninguém perdesse a voz e todos estivessem seguros de sua competência comunicativa, desde os experientes até os novatos. Sim, porque a Fonoaudiologia não trabalha só a saúde vocal de repórteres, comentaristas e locutores, mas também sua imagem, linguagem, oralidade e postura diante das câmeras.

Se Deborah Feijó, fonoaudióloga da Rede Globo, praticamente se mudou para o Parque Olímpico durante os jogos e cuidou diariamente de Galvão Bueno, entre outros locutores, Sylvia Boechat, que atende ao Sport TV, confessa que não teve tanta demanda presencial assim durante os jogos. “Trabalhamos muito antes, na

preparação para tudo aquilo. Durante os jogos, estava à disposição para emergências, mas muitas vezes eles nem tinham tempo de estar comigo”, contou.

A Rede Globo é pioneira no mundo em ter fonoaudiólogas dentro de suas emissoras, cuidando da boa comunicação de seus profissionais. São cerca de 50 em todo o país, prestando serviços para a TV Globo e suas afiliadas. “A emissora promove encontros biennais de todas as suas fonos, buscando uniformidade na linha de trabalho”, afirmou Deborah.

Ela entrou para a Globo em 2000, para ajudar na preparação para as Olimpíadas de Sydney, na Austrália. De lá para cá, consolidou seu trabalho de orientação para a saúde vocal e oratória. “Saúde vocal é todo dia. Quando cheguei aqui não havia essa consciência. Hoje, há. No começo, no carnaval, tínhamos dois a três repórteres sem voz, no fim da cobertura.



Arquivo pessoal de Deborah Feijó e Sylvia Boechat

Deborah Feijó e o time de comentaristas da Rede Globo, no final das Olimpíadas Rio 2016

A partir das orientações e dos atendimentos, que começam semanais, depois quinzenais e mensais, o índice (de rouquidão) foi reduzindo e hoje não existe mais. A não ser quando existe uma patologia ou abuso vocal, onde nossa intervenção emergencial se torna inevitável”, explicou.

Deborah Feijó frisou que não há o objetivo de criar um modelo a ser seguido por todos. “Não buscamos uma padronização. Desde 2008, procura-

mos autenticidade e oralidade. O que queremos é que as pessoas tenham estilos pessoais, com qualidade e naturalidade. Por isso, fomos tirando o teleprompter (equipamento acoplado às câmeras de vídeo que exibe o texto a ser lido pelo apresentador)”, ressaltou.

Para a Copa das Confederações FIFA no Rio de Janeiro, em 2013, no ano anterior a Rede Globo contratou 11 novos narradores. Deborah Feijó



Sylvia Boechat e Bruno Neves, da Globo Esporte.com

participou da equipe de seleção e posteriormente preparou a todos para a missão de cobrir os jogos de futebol.

Sylvia Boechat chegou ao Sport TV, canal por assinatura especializado em esportes do sistema Globo, em 2011. E foi dela a incumbência de preparar, com orientações sobre cuidados preventivos com a voz, 10 jornalistas temporários, contratados pela emissora especialmente para a cobertura dos jogos olímpicos e paralímpicos deste ano.

Para as Olimpíadas Rio 2016, Deborah Feijó promoveu encontro de um mês com cerca de 35 narradores do país inteiro. “A incidência de rouquidão foi quase zero”, comemorou. E Sylvia Boechat lembra que isso durante quase 20 dias ‘no stop’, com profissionais dormindo pouco, se alimentando mal e trabalhando freneticamente. “Fiquei exausta, mas feliz. É muito bom saber que estou podendo modificar a vida de alguém para

melhor, podendo ajudá-lo a fazer seu trabalho bem feito”, completou Deborah Feijó.

Foi Deborah também que cuidou da competência e eficiência de comunicação do “time de ouro”, atletas medalhistas de ouro em outras edições das Olimpíadas que se transformaram em comentaristas durante as Olimpíadas Rio 2016, entre eles Gustavo Kuerten, o Guga, Daiane dos Santos, Tande, Gustavo Borges, Lars Graef, Fabi, Hortência, entre outros.

Já Sylvia Boechat desempenhou papel importante para transformar um novo projeto da Globo Esporte.com em realidade, ao cuidar da preparação vocal e de comunicação de jornalistas, atores, comediantes e apresentadores que não tinham hábito de fazer vídeo. E assim surgiu o “Play nos Jogos”, programa de Web TV de 13 horas diárias. O trabalho começou em 2015 e durou um ano.

“A atuação delas foi fundamental para chegarmos naquele padrão técnico. Muita gente acha que é só pensar em equipamento, câmera, microfone. Mas a voz é uma ferramenta de trabalho também. Eram 11 apresentadores e muitos já atuavam, mas elas conseguiram trazer todos para o mesmo patamar de voz, a mesma

consistência e com um treinamento rápido e que trouxe resultados bem bacanas”, afirmou PH Peixoto, coordenador do programa Play nos Jogos.

O jornalista contou que, desde quando ele e Bruno Neves, diretor do Globo Esporte.

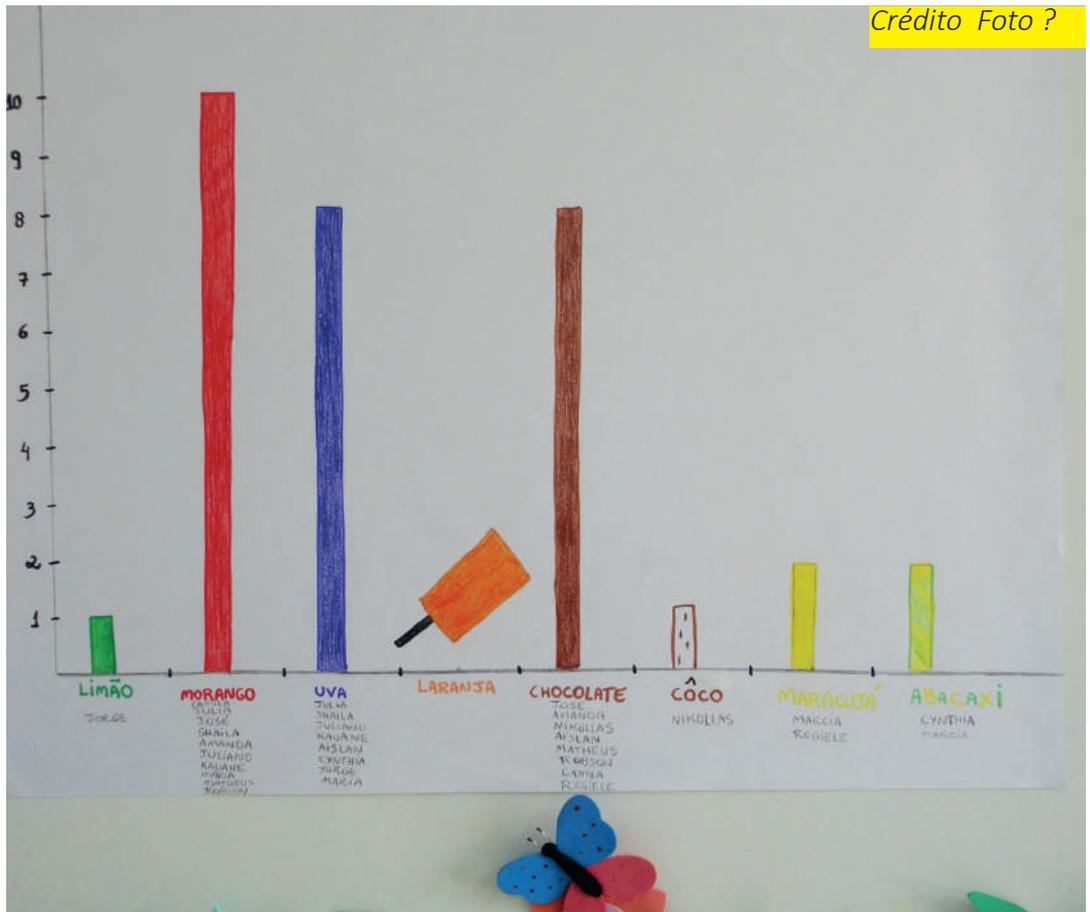
com, propuseram o programa, já sabiam que tinha que ter preparo. “Sem preparação, no quinto dia de Olimpíada estaria todo mundo morto (risos). Respeitando individualidades, tivemos técnica, clareza, potência, consistência. O trabalho delas foi muito importante”, concluiu PH Peixoto. ■

“*A atuação delas foi fundamental para chegarmos naquele padrão técnico. Muita gente acha que é só pensar em equipamento, câmera, microfone. Mas a voz é uma ferramenta de trabalho também*”

Fonoaudiologia proativa

Fonoaudiólogos criam programas para alunos e professores da rede municipal de ensino do Paraná, que visa antever problemas de aprendizado das crianças

Crédito Foto ?



Atividades lúdicas aproximam a consciência fonológica dos alunos

Everson Mizga - repórter

Estar em uma sala de aula não significa que um aluno, efetivamente, está captando a mensagem. Para entender e atender a essa necessidade é importante que existam investimentos em programas que auxiliem tanto o professor, quanto os escolares com dificuldades. Em São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba, um estudo da fonoaudióloga Deisi Pfutzenreuter vem ao encontro desta problemática.

Seu trabalho é concentrado nos professores e pedagogos da rede municipal de ensino. Com a sua assessoria, eles são capacitados e sensibilizados a ter um olhar mais apurado, tanto para as muitas dificuldades que alunos podem apresentar para se comunicar oralmente ou por meio da escrita, quanto para os seus próprios problemas de voz.

“Tudo surgiu a partir de um congresso que participei em Joinville (SC), onde a fonoaudióloga Simone Capelline apresentou o seu projeto de Resposta à Intervenção – RTI – que é um modelo educacional de multiníveis, muito difundido nos Estados Unidos. De lá pra cá, adaptamos o programa a realidade da educação do nosso município”, explica Deisi. Hoje, em SJP são 44 unidades de educação infan-



Brincadeiras com bolas, parlendas, trava-línguas são incentivados em sala de aula pelos edu



Crédito Foto ?



nguas, telefone sem fio e jogos de memória
adores

Crédito Foto ?



til, 58 de fundamental e 11 unidades de atendimento de educação especial.

De acordo com a fonoaudióloga, a partir de protocolos específicos aplicados com os alunos, são coletadas informações sobre as crianças com risco para desenvolver dificuldades no processo de alfabetização. “Com os resultados em mãos analisamos e pontuamos um conjunto de estratégias (via escola) de intervenção precoce. Assim é possível melhorar o rendimento escolar e com as reavaliações (ou reaplicações dos protocolos), podemos analisar melhor quais casos que, realmente, precisam de atendimento clínico”, esclarece.

Os professores e pedagogos também são orientados sobre como agir para minimizar os riscos encontrados. “Uma adaptação que precisou ser realizada é que, devido a impossibilidade de trabalharmos apenas com as crianças consideradas de risco (como orienta o Modelo RTI original), os professores de SJP fazem o trabalho indicado pela fonoaudiologia com toda a turma”, aponta Deisi.

Desde 2015, quando o projeto iniciou, os protocolos estão sendo aplicados em turmas de primeiros e segundos anos. Em um primeiro momento eram apenas três escolas. Chegado 2016 já somam 29 es-

colas. Até o fim deste ano devem ser analisados mais de 4 mil protocolos.

Habilidades fonológicas

Outro projeto que vem mudando a realidade escolar é o da cidade de Pinhais, também na região metropolitana de Curitiba. O Projeto de Habilidades Fonológicas que, em 2014, foi implantado em duas escolas, atualmente, está em andamento em um total de quatro, com foco nos alunos da educação infantil, que estão matriculados nas turmas de Pré-escolar II. A ideia é levar, gradativamente, a proposta para todas as escolas do município.

Segundo a fonoaudióloga Gisele Pinheiro Costa Bacilla, autora e responsável pelo projeto, a partir de atividades lúdicas como, por exemplo, brincadeiras com bolas, parlendas, trava-línguas, telefone sem fio, jogos de memória, entre outras, é trabalhada a consciência fonológica, um instrumento facilitador para a aprendizagem da leitura e da escrita. “O nosso objetivo é conscientizar o educador sobre a importância de se trabalhar a consciência fonológica na

educação infantil, bem como de se utilizar recursos da comunicação oral, para posterior construção da leitura e escrita, desenvolvendo nas crianças a habilidade de refletir e manejar as unidades da linguagem falada”, explica Gisele.

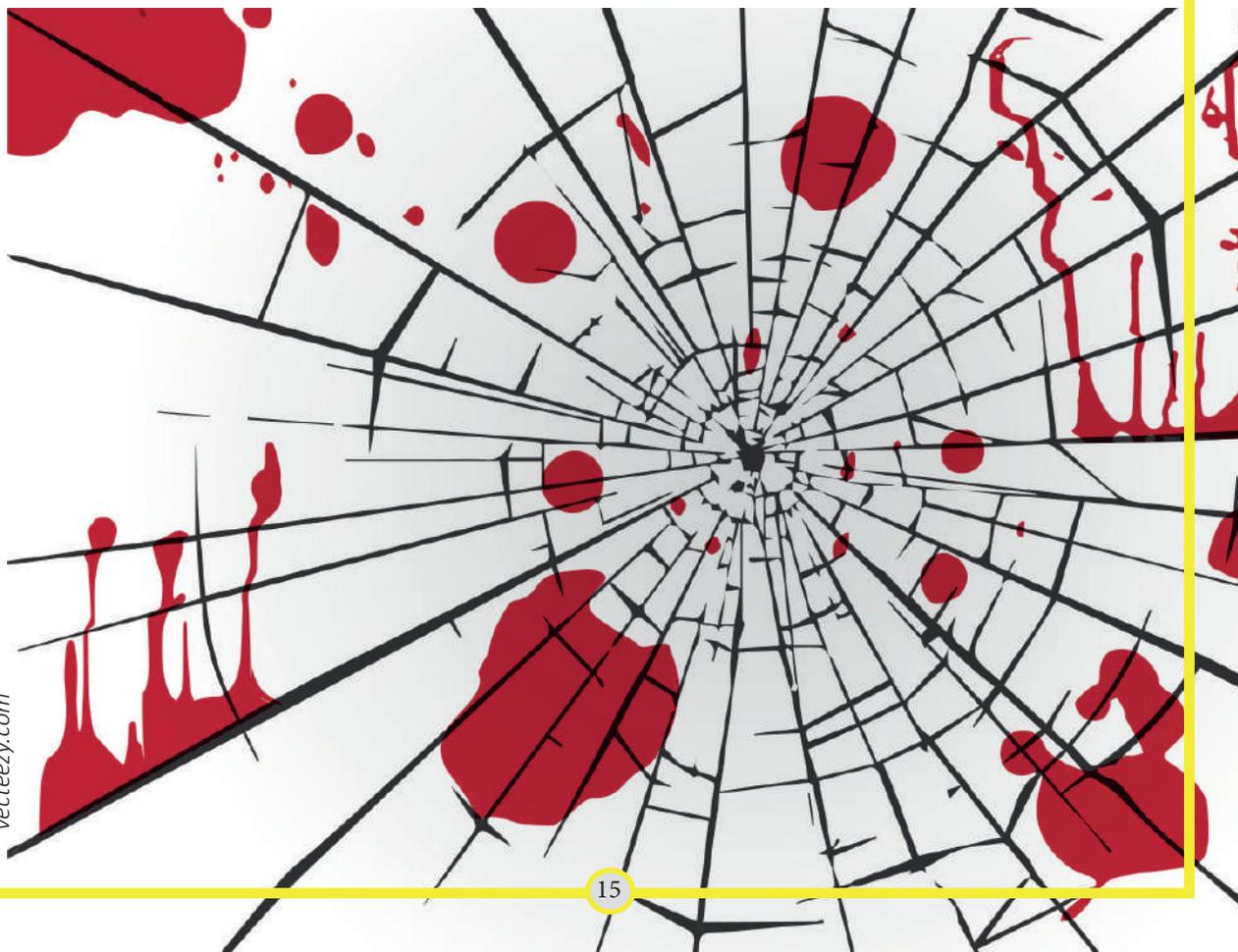
Ainda neste ano está previsto um momento para troca de experiências entre os educadores que participam do projeto, com um feedback sobre os resultados obtidos. Já em 2017, nos meses de agosto e setembro, será realizado um levantamento da performance destes discentes, com os professores de 1º ano, para verificar os avanços no processo de alfabetização dos alunos inseridos no projeto em relação aos demais.

Apostila

Inicialmente foi entregue uma apostila contendo sugestões de algumas atividades a serem desenvolvidas pelos professores, os quais foram orientados a criarem outras estratégias, fazendo um portfólio, que ao final irá compor uma única apostila, para ser utilizada por todos os participantes do projeto. ■

Fonoaudiologia nos traumas de faces decorrentes de acidente de trânsito

A atuação fonoaudiológica nos traumas de face é voltada para o trabalho miofuncional oral e visa ao restabelecimento da mobilidade e estabilidade funcional





Realização da campanha pelo Departamento de Motricidade Orofacial da UFPB

Maurício Junior - repórter

Acidentes automobilísticos têm sido considerados um problema de saúde pública brasileira. Segundo dados do Retrato da Segurança Viária no Brasil, publicado pela Falconi Consultores de Resultado no ano de 2014, o número de mortos e feridos em acidentes com motocicletas triplicou em dez anos.

No Brasil, os maiores causadores de trauma de face são os acidentes de trânsito que, na maioria das vezes, atingem adolescentes e adultos jovens entre 16 e 35 anos. Pessoas acometidas por esse tipo de acidente quase sempre precisam conviver com as sequelas físicas e psicológicas. Na face, os danos podem ocorrer em diferentes estruturas, tais como: pele, músculos, nervos e os-

sos, ocasionando, em muitas situações, deformidades estéticas e limitações funcionais.

Diante do comprometimento das funções do sistema estomatognático e estética facial, os traumas de face, têm se tornado objeto de estudo e preocupação da Fonoaudiologia. "A inclusão dessa temática desde o momento de formação do fonoaudiólogo vem despertando o interesse na participação de atividades que contemplem tanto a prevenção como a reabilitação. Dessa forma, o desenvolvimento de pesquisas, campanhas e atuação clínica se mostra crescente", afirma a vice-presidente do Crefono 4, Silvia Benevides, professora do Departamento de Motricidade Orofacial da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Maurício Jr.



Maurício Jr.

Realização da campanha pelo Departamento de Motricidade Orofacial da UFPE

A atuação fonoaudiológica nos traumas de face é voltada para o trabalho miofuncional oral e visa ao restabelecimento da mobilidade e estabilidade funcional, sempre levando em consideração as necessidades de cada paciente e especificidade da lesão. Nesse processo, o trabalho interdisciplinar com a cirurgia buco-maxilo-facial é de extrema importância, pois o sucesso do tratamento e evolução do paciente dependem da sintonia entre as especialidades envolvidas. "O trabalho fonoaudiológico ajuda muito na redução do edema facial, resgate dos movimentos mandibulares e recuperação da mastigação. Com a presença de um fonoaudiólogo na equipe, há sempre como resolver melhor o caso", reconhece

Roberto Azevedo, professor titular da UFBA, coordenador da Residência de Cirurgia Buco-Maxilo-Facial do Hospital Irmã Dulce e médico do Hospital Geral do Estado.

A fonoaudióloga Luciana Stuard, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), reforça a importância dessa parceria entre Odontologia e Fonoaudiologia. "O trabalho interdisciplinar é primordial no tratamento dos traumas de face. Tudo é feito em conjunto com o cirurgião buco-maxilo-facial que está acompanhando o caso. São pacientes que chegam à clínica de Fonoaudiologia encaminhados pelo cirurgião por reconhecerem o nosso trabalho e possibilidade de colaboração na reabilitação das funções de mastigação, deglutição, articu-

lação da fala e respiração. A terapia fonoaudiológica pode ser indicada tanto para os casos em que foi realizada intervenção cirúrgica, como para aqueles onde a opção foi o tratamento conservador e os resultados têm se mostrado bem eficiente, uma vez que são minimizadas as sequelas”, destaca a professora de Motricidade Orofacial da universidade pernambucana.

Na avaliação do fonoaudiólogo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e especialista em Motricidade Orofacial, Giorvan Ânderson, o trabalho multidisciplinar é extremamente importante, inclusive para a identificação do problema e encaminhamento para terapia fonoaudiológica. Ele ainda destaca a necessidade da sensibilização e conscientização das pessoas, que muitas vezes são acometidas por acidentes faciais e não procuram um atendimento especializado.

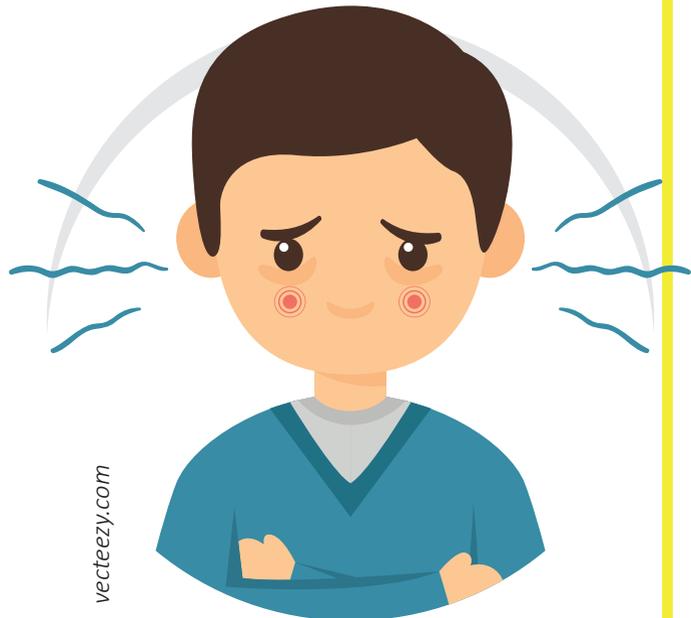
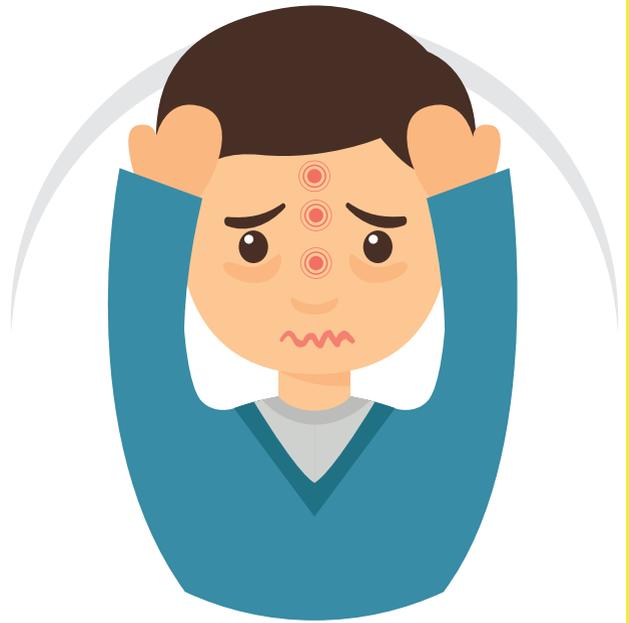
No último mês de agosto, os departamentos de Motricidade Orofacial da UFPE e UFPB realizaram a Campanha "Fonoaudiologia no trânsito: Sinal Vermelho para os traumas de face" com orientações à população sobre os comprometimentos fonoaudiológicos decorrentes dos trau-

mas de face oriundos de acidentes de trânsito. "A campanha teve dois grandes focos. O primeiro foi colaborar com a prevenção de acidentes para tentar minimizar esses números alarmantes. Paralelo a isso, buscou-se a divulgação do campo de atuação da Fonoaudiologia como uma das modalidades na reabilitação para paciente vítima de trauma de face em decorrência de acidente de trânsito", detalha Luciana Studart, coordenadora geral da ação nos dois estados. Além da distribuição de folders educativos, foram aplicados questionários com o intuito de investigar o conhecimento da população sobre a temática.

Independente do comprometimento do paciente, o grande objetivo da Fonoaudiologia no tratamento com os traumas de face é minimizar os efeitos das sequelas possibilitando ao paciente uma melhor funcionalidade. "Em muitos casos não conseguimos uma reabilitação total, porém promover a estabilidade funcional e, portanto, o retorno dos pacientes às suas atividades resume a nossa meta. A função do fonoaudiólogo é encontrar e otimizar as possibilidades, apesar das limitações inerentes aos quadros apresentados", conclui Sílvia Benevides. ■

Traumas de face podem provocar:

- Dor;
- Rigidez e tensão muscular;
- Alteração no encaixe dos dentes;
- Limitação na abertura da boca;
- Desvios dos movimentos mandibulares;
- Crepitação ou ruídos;
- Alteração de sensibilidade;
- Redução da força ao mastigar;
- Alterações na fala;
- Alterações na mastigação;
- Dificuldades para sugar e engolir.



Eventos científicos de Fonoaudiologia

Aconteceu entre os meses de agosto e setembro, as Jornadas de Fonoaudiologia

Katiúscia Pessoni - repórter

A Fonoaudiologia é cada vez mais indispensável para saúde pública nacional. E junto a este preceito, vê-se um crescimento também de novos profissionais na área. Para o engajamento dos acadêmicos dos cursos de Fonoaudiologia, o Centro Universitário São Lucas (UniSL), em Porto Velho – Rondônia, a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), o Centro Universitário do Norte (Uninorte), em Manaus – Amazônia, e o Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (Uniplan), organizaram eventos relacionados a vários segmentos da Fonoaudiologia nos meses de agosto e setembro deste ano.

Foram eles o Seminário de Fonoaudiologia em Saúde Coletiva - Porto Velho; a Jornada de Fonoaudiologia da PUC- Goiás; a Jornada de Fonoaudiologia da Uninorte – Manaus e a Jornada de Fonoaudiologia da Uniplan – DF

Seminário em Porto Velho

A proposta do primeiro do I Seminário de Fonoaudiologia em Saúde Coletiva em Porto Velho, que aconteceu no dia 3 de setembro de 2016, surgiu em virtude da necessidade urgente de aumentar o quantitativo de fonoaudiólogos na rede pública, segundo a coordenadora do curso de Fonoaudiologia da UniSL, Viviane Castro de Araújo: “O fonoaudiólogo possui em sua formação conhecimentos globais, que envolvem aspectos culturais, emocionais, ambientais e econômicos. Assim, não pode ser considerado um profissional unicamente especialista”, destaca ela.

Para a coordenadora, na atuação coletiva é necessário conhecer as características da população atendida e a sua área de abrangência, pois as intervenções realizadas não são individuais. Portanto, deve-se considerar a situação social, econômica e cultural. “A proposta do evento foi refletir sobre a Fonoaudiologia na promoção da saúde coletiva

Divulgam e fortalecem a Fonoaudiologia na 5ª Região

Fonoaudiologia, no Distrito Federal e nos estados de Rondônia, Amazônia e Goiás

e conhecer formas de inserção do fonoaudiólogo neste contexto”, explica.

O evento contou com a participação de 200 pessoas entre organizadores, professores, palestrantes convidados e alunos, com participação ativa dos estudantes nos debates durante as apresentações.

Foram abordados temas como: Condutas fonoaudiológicas pautadas em dados epidemiológicos reais; O Sistema de Saúde nas suas dimensões política conceitual e técnica; Determinantes de alterações fonoaudiológicas e ações de promoção da saúde, prevenção de agravos e redução de riscos na Fonoaudiologia; Políticas públicas nos diversos ciclos da vida; Princípios e práticas da inclusão com base das políticas públicas vigentes; Intervenção nas deficiências auditivas considerando os determinantes biológicos, ambientais e políticos do sujeito.

Para as palestras, o evento contou com renomados nomes da Fonoaudiologia,

como Isabel Cristiane Kuniyoshi, Luana Paula de Figueiredo Correia, Ana Karolina Zampronio Bassi, Liliane Barbosa Rodrigues, Lidiane Tavares Pereira Batista, Lorena Cristina Brito do Nascimento e outros.

Para o ano que vem, Viviane ressaltou que já está sendo organizado o II Seminário com propostas de inserção do fonoaudiólogo nas unidades e serviços de saúde para serem entregues aos gestores públicos.

Jornada da Fonoaudiologia Uninorte
Em Manaus aconteceu a I Jornada de Odontologia e Fonoaudiologia da Uninorte, através da parceria entre os cursos. Foram promovidos entre os dias 14, 15, e 16 de setembro, oficinas, mesas redondas e palestras interdisciplinares sobre assuntos pertinentes às áreas e individualmente sobre cada disciplina dos cursos.

Sobre as principais propostas abordadas durante o evento, Giséli de



01



04



06



07



08



02



03

Foto 01 - A proposta do primeiro do I Seminário de Fonoaudiologia em Saúde Coletiva em Porto Velho, que aconteceu no dia 3 de setembro de 2016, surgiu em virtude da necessidade urgente de fonoaudiólogos na rede pública

Foto 02 - Dentre atividades como palestra e mesas redondas, pôde-se esclarecer ainda mais assuntos sobre apneia obstrutiva do sono, entre outros assuntos

Foto 03 - A equipe da I Jornada de Odontologia e Fonoaudiologia da Uninorte promoveu campanha de arrecadação de alimentos não perecíveis para o Instituto Filippo Smaldone

Foto 04 - Um dos assuntos abordados durante a Jornada de Fonoaudiologia da Unilpan – DF deste ano foi a divulgação científica e o intercâmbio entre estudantes, profissionais e pesquisadores de diversos lugares do Brasil

Foto 05 - A programação foi composta por palestras, minicursos, exposição de painéis e pesquisas na área de fonoaudiologia

Foto 06 - Mesa composta por professores, colaboradores e palestrantes na X Jornada Goiana de Fonoaudiologia e IV Encontro de egressos de Fonoaudiologia da PUC - Goiás

Foto 07 - O reitor da PUC - Goiás, Professor Wolmir Amado, durante a X Jornada Goiana de Fonoaudiologia e IV Encontro de egressos de Fonoaudiologia da PUC - Goiás

Foto 08 - O I Seminário de Fonoaudiologia em Saúde Coletiva em Porto Velho contou com a participação de 200 pessoas entre organizadores, professores, palestrantes convidados e alunos

Freitas, coordenadora da I Jornada e Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana, conta que tendo em vista que os cursos de Fonoaudiologia e Odontologia se uniram, o projeto foi de interação entre as disciplinas e suas perspectivas interdisciplinares.

“A intenção era solidificar essa parceria e também proporcionar aos discentes e público em geral, o contato com assuntos pertinentes às duas áreas. Mostramos que o trabalho de ambos pode contribuir um com outro, e, principalmente, com a melhora dos pacientes”, informa Giséli.

Dentre atividades como palestra e mesas redondas, a coordenadora inteira que pôde-se esclarecer ainda mais assuntos sobre apneia obstrutiva do sono (abordagem multidisciplinar), bichectomia, frênulo lingual (modificações após frenectomia), diagnósticos precoces do câncer bucal, cabeça e pescoço. Além de qualidade de vida dos pacientes com paralisia cerebral, entre outros assuntos relacionados à área.

“Em relação às atividades da Fonoaudiologia, contamos apenas com uma palestra que trouxe a realidade da região Norte (por meios de dados quantitativos e qualitativos) a respeito do Teste da Orelhinha e do Teste da Linguinha, suas conquistas e desafios.

Também foi realizado um Hands-on em Triagem Auditiva Neonatal, em que os participantes puderam vivenciar o passo a passo da avaliação em laboratório de enfermagem simulada da instituição”, descreveu.

De acordo com Giséli, os alunos participaram ativamente do evento e mostraram-se muito motivados com as atividades propostas. Além dos estudantes da Uninorte, discentes de outras instituições da cidade também prestigiaram a Jornada, bem como profissionais da área de Fonoaudiologia. Entre colaboradores, professores e estudantes, mais de 600 pessoas estiveram presentes ativamente.

Foi estimulado durante o evento a educação interprofissional e a humanização entre estudantes. Pois entende-se a necessidade dos profissionais da área da saúde em terem uma formação mais compreensiva no que se refere o atendimento aos pacientes. “Essa recepção deve ser vista de forma holística, de modo que sejam considerados seus aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais. Além disso, para que o sujeito possa ser 'olhado' por diferentes perspectivas, é necessário que haja um trabalho interdisciplinar, uma vez que as áreas se complementam. Essa foi a ideia que a equipe organizadora do evento primou por mostrar para os

participantes”, esclarece.

A respeito dos resultados finais sobre o evento, Giséli se mostrou bastante positiva. Além de já estar planejando uma próxima Jornada para o ano que vem. “Considerando a estrutura que a Uninorte disponibilizou entre espaços nos laboratórios, salas de aula e auditórios, tudo ocorreu da melhor forma. Foi possível realizar atividades concomitantemente, fazendo com que os temas pretendidos fossem abordados durante o evento. A segunda Jornada ocorrerá no próximo ano e a equipe organizadora ainda não decidiu qual será o próximo tema, mas as reuniões começarão ainda neste semestre” adianta.

Além da coordenação de Giséli, outra pessoa que contribuiu efetivamente para o sucesso do evento, foi o docente Thiago Mendes, do curso de odontologia. “Contudo, contamos com o apoio de professores e alunos de ambos os cursos que compunham a comissão organizadora da Jornada. Sem esquecer de citar os palestrantes convidados, indispensáveis para a ocorrência das apresentações e grandes responsáveis pelo seu sucesso. São profissionais das áreas que atuam em clínicas, hospitais e instituições de ensino superior. Além do patrocínio da Biodental Medical – empresa constituída por profissionais

da saúde, principalmente cirurgiões dentistas e estudantes de odontologia, localizada em Manaus”, enfatiza.

Como diferencial e pensando em ajudar o próximo, a I Jornada de Odontologia e Fonoaudiologia da Uninorte, promoveu uma campanha de arrecadação de alimentos não perecíveis para o Instituto Filippo Smaldone durante os três dias. “Enquanto instituição de ensino superior, temos um compromisso social bastante importante, e, tendo ciência de tal importância, procuramos passar esse valor para os nossos discentes. O Instituto Filippo Smaldone foi agraciado neste evento com alimentos não perecíveis doados por todos que participaram”, reforça ela.

X Jornada na PUC – Goiás

Já em Goiás, a PUC promoveu a X Jornada Goiana de Fonoaudiologia e IV Encontro de Egressos de Fonoaudiologia da Pontifícia, ocorridos nos dias 15 a 17 de setembro, em comemoração aos 30 anos do curso de Fonoaudiologia da instituição. Os eventos tiveram como principal objetivo, a educação continuada para que os estudantes e profissionais tenham acesso às novas áreas de atuação que estão no mercado de trabalho.

Uma das coordenadoras do evento e Professora do Curso de Fonoaudiologia da PUC, Silvia Maria Ramos, ressaltou

que foram vários os temas apresentados aos alunos, entre eles destacam-se Fonoaudiologia Forense, Disfagia, Voz, Autismo e Apraxia da Fala, Fonoaudiologia Educacional, Mascaramento na Audiologia Clínica, Laudo Audiológico, Implante Coclear, Fonoaudiologia na TV, Atuação do Fonoaudiólogo nos Casos de Laringectomia, Microcefalia, entre outros.

A programação foi composta por palestras, além de outras atividades. “Foram conferências e mesas redondas, onde priorizamos a atuação multidisciplinar durante os debates. Os alunos participaram ativamente do evento e foi considerada atividade acadêmica para os estudantes de todo curso de Fonoaudiologia”, acrescenta Silvia. A X Jornada Goiana de Fonoaudiologia e IV Encontro de Egressos de Fonoaudiologia da PUC – Goiás contou com mais de 650 participantes.

Silvia destaca a importância de eventos assim para Fonoaudiologia, que além de atualizar os estudantes, os preparam para o mercado de trabalho. “Repassamos o que está acontecendo na atualidade em relação à Fonoaudiologia, outro objetivo nosso foi convidar ex-alunos – que já estão no mercado e que atuam nas mais diferentes áreas, para ministrar palestras e participarem

das mesas redondas. Eles puderam expor o dia a dia de um fonoaudiólogo”, indica ela.

Dentre todos assuntos abordados durante o evento, a coordenadora destacou que uma das palestras mais aplaudidas foi sobre Fonoaudiologia Forense. Sobre a próxima Jornada, para o ano que vem, ela conta que já está sendo preparada.

Além dela, participaram da comissão organizadora outros professores, como Maione Maria Miléo e Thelma Perini. Comissão cultural: Christina Guedes e Lucy Jane Dantas. Comissão científica: Danya Moreira, Eliana Marques, Marcos Borges e Luciana Antônio. Coordenadora do curso: Lilian Moura.

Jornada na Uniplan

Já a Jornada de Fonoaudiologia da Uniplan – DF, aconteceu no período de 24 a 27 de agosto, sob a coordenação das fonoaudiólogas Ana Carolina Fernandes, Gabriela Novanta e Michelle Procópio, com a supervisão da coordenadora do curso de Fonoaudiologia da instituição, Jane Kátia Quintanilha.

O principal objetivo da jornada foi promover o aprimoramento profissional em contexto nacional para estudantes e profissionais de Fonoaudiologia. “Priorizamos temas que trouxessem novos conhecimentos para nossos alu-

nos, estudantes em geral e para a atuação dos profissionais. Nasceu do sonho de proporcionar aos nossos estudantes o acesso ao que tem de mais atual nas diferentes áreas da Fonoaudiologia”, destaca Michelle Procópio, que além de coordenadora do evento, é doutoranda em Ciências da Saúde na Universidade de Brasília (UnB).

O tema escolhido foi Fortalecimento e atualização da Fonoaudiologia no Distrito Federal, no que Michelle destaca o porquê desse assunto ter sido definido para 2016. “Ouvimos muito sobre a falta de cursos e da desunião da Fonoaudiologia no Distrito Federal, por

isso pensamos em um tema que buscasse reverter esse quadro. Mas durante o processo de organização e realização do evento nos surpreendemos com o apoio de vários fonoaudiólogos, empresas e instituições, o que nos fez mudar de opinião. Hoje, vemos essa classe com outros olhos”, admite ela.

A programação foi composta por palestras, minicursos, exposição de painéis e pesquisas na área de Fono-

audiologia. A coordenadora ressalta ainda que todas as palestras foram dinâmicas, o que complementou temas bastante atuais. “Tivemos Fonoaudiologia e telejornalismo, Fonoaudiologia forense, Transtornos alimentares em crianças pequenas, Apraxia da fala na infância, Oficina de mastigação e deglutição, Laudo audiológico, Transtor-

nos de aprendizagem, RTI, dentre outros assuntos”, acrescenta.

Sobre a participação dos estudantes, ela conta que estes estiverem presentes em todas as áreas, mas que os alunos do 7º e 8º semestre foram divididos em comissões para auxiliarem

na organização. “Eles nos ajudaram de forma brilhante antes e durante o evento. O restante dos alunos estiveram presentes todos os dias e demonstraram bastante motivação e interesse. Não podemos deixar de citar a presença dos alunos de Fonoaudiologia da UnB, que também acompanharam todo o evento”, lembra a fonoaudióloga. Participaram da Jornada mais de 500 pessoas.

Outro assunto abordado durante

Ouvimos muito sobre a falta de cursos e da desunião da Fonoaudiologia no Distrito Federal, por isso pensamos em um tema que buscasse reverter esse quadro.”

o evento foi a divulgação científica e o intercâmbio entre estudantes, profissionais e pesquisadores de diversos lugares do Brasil. “Oportunizar a estudantes e profissionais aprendizados acerca dos avanços e atualidades em Fonoaudiologia. Fomentar a divulgação científica e o intercâmbio entre estudantes, profissionais e pesquisadores de diversos lugares do Brasil. Estimular a produção de conhecimento na amplitude das diferentes áreas na Fonoaudiologia é de suma importância à ser discutido não só durante esses seminários, mas em qualquer ocasião”, enfatiza.

Entre os principais colaboradores da Jornada de Fonoaudiologia do Uniplan – DF, Michelle relata que foram diversos profissionais e estudantes que proporcionaram e possibilitaram um evento brilhante. “Não posso deixar de citar o Conselho Regional da 5ª Região (Crefono 5), representado pela presidente Christiane Tanigute, que esteve pre-

sente auxiliando durante todos os dias do evento, o Conselho Federal de Fonoaudiologia, a Coordenação do Curso de Fonoaudiologia da UnB, representada pela coordenadora Letícia Celeste e pelo vice coordenador Eduardo Magalhães, que dispensaram os alunos para poderem participarem da jornada.

As empresas colaboradoras: OUVIR – Clínica de Fonoaudiologia, Grupo MICROSOM, CAV – Centro Auditivo Vitória, CEAFI – Formação completa em saúde e CLIFALI – Fonoaudiologia e Psicologia”, destaca.

A Jornada de Fonoaudiologia da

Uniplan ocorreu pelo oitavo ano consecutivo. De acordo com a coordenadora do evento, a cada ano o evento torna-se maior, sendo este, com palestrantes e pesquisadores que residem em locais fora do DF. Para o ano de 2017, ela conta que professores normalmente se voluntariam para a coordenação da Jornada, mas que ainda não tem uma comissão formada. ■

“Estimular a produção de conhecimento na amplitude das diferentes áreas na Fonoaudiologia é de suma importância à ser discutido não só durante esses seminários.”

FONOAUDIOLOGIA é enaltecida em evento médico na capital mineira



2505.5 -2...1...0...1...2+ ISO400

**Isadora Dantas
repórter**

Nos dias 9 e 10 de setembro, a Interamerican Association of Pediatric Otorhinolaryngology (IAPO) com apoio do Crefono 6 realizou em Belo Horizonte o II Cuidando dos Ouvidos, Nariz e Garganta das Crianças, um evento de notória projeção para a área.

Nos dois dias de evento, 300 médicos, pediatras em sua maioria, fonoaudiólogos e acadêmicos prestigiaram palestrantes nacionais e internacionais em uma série de atividades que apresentou ao público o que há de mais atual na área.

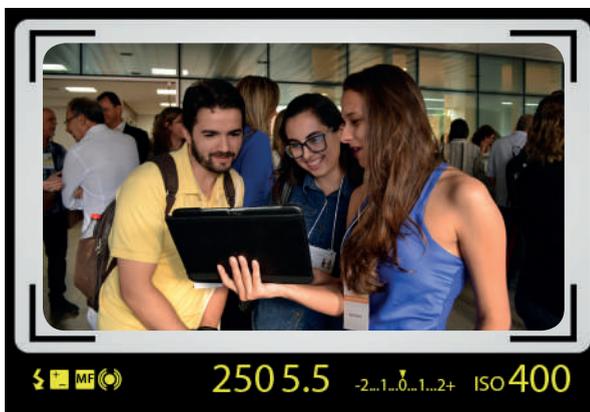
No programa, a Fonoaudiologia esteve presente em quatro mesas, sendo a primeira delas responsável por abrir o evento com o tema “Problemas de audição da criança: da triagem auditiva ao



Conselheira, Gabriela Cintra (CRFa 6-3314) aplica quiz em participantes do congresso em stand do regional.



Presidente do Crefono 6, Claudia Logocki (CRFa 7-7697-2) e Dr. Ricardo Godinho, presidente da IAPO.



Acadêmicas da Puc Minas participaram do evento.

implante coclear”, discursaram médicos, fonoaudiólogas e as conselheiras do Crefono 6 Nadiana Andrade (CRFa 6 – 1804) e Gabriela Cintra (CRFa 6 – 3314). O otorrinolaringologista, Doutor Ricardo Godinho, presidente da IAPO e da Comissão Científica do evento valorizou a importância da Fonoaudiologia.

“Nós contamos com fonoaudiólogos desde o planejamento até à programação e agora estamos encerrando com uma mesa que mostrará a importância desta interrelação entre a Fonoaudiologia e os médicos para atendermos cada vez melhor as crianças”, reconheceu.

O Crefono 6, além de apoiar o evento, esteve presente com um stand montado durante os dois dias. Os visitantes do espaço participaram de um quiz sobre linguagem e audição infantil e receberam materiais e brindes de orientação sobre a atuação fonoaudiológica. A fonoaudióloga Luciana Brandão (CRFa – 6576) que visitou o stand, elogiou o programa e avaliou como importante a participação dos fonoaudiólogos em eventos assim, que proporcionam um maior conhecimento e possibilitam analisar diferentes vertentes de atuação dentro da área. A fonoaudióloga também parabenizou o Crefono 6 pela inserção em eventos como estes: “Acho importante o Conselhos

nesses eventos por ser uma forma de divulgar a Fonoaudiologia e também por promover a participação dos profissionais”, considera.

A Comissão de Divulgação do Crefono 6 avalia a participação no evento como positiva e acredita que a divulgação e inserção da Fonoaudiologia por parte do Conselho em eventos que projetam a profissão e levam a valorização dos profissionais ao seu meio de atuação, deve ser uma meta a ser seguida. A presidente do órgão, conselheira Claudia Ligocki (CRFA 6 – 7697 – 2) reconhece esta importante participação e projeta eventos como este para o futuro: “Em nosso primeiro ano de gestão, estamos conseguindo alcançar caminhada após caminhada as metas que nos comprometemos para com os fonoaudiólogos. Colocar a Fonoaudiologia em papel de destaque no cenário profissional, como foi reconhecida pelo presidente da IAPO, é motivo de muita alegria de saber que estamos no caminho certo. Planejamos participar de outros eventos como este e realizarmos mais parcerias que possam ser vindouras para a Fonoaudiologia”.

Nos dois dias de evento, o Crefono 6 recebeu e orientou cerca de 250 médicos, fonoaudiólogos e acadêmicos. ■

Crefono 7 participa de reunião com secretário da Saúde de Porto Alegre e cobra **VAGAS PARA FONOAUDIÓLOGOS**



Simone Meneghetti e Claudio Gabana juntamente Secretário da Saúde de Porto Alegre e membros da secretaria.

Cibele Avendano - repórter

No mês de setembro os Fonoaudiólogos, Claudio Gabana e Simone Meneghetti, ambos conselheiros do 5º Colegiado do Conselho de Fonoaudiologia da 7ª Região, se reuniram com o secretário municipal de Saúde de Porto Alegre, Fernando Ritter. Na ocasião foi discutido a atuação dos fonoaudiólogos lotados na Secretaria Municipal de Saúde e a chamada do Concurso Público CP 477 – Edital 03/2013.

Considerada uma das profissões mais promissoras, a fonoaudiologia caminha a passos lentos na capital gaúcha. A cidade conta apenas com 21 fonoaudiólogos para atender aproximadamente 1,481 milhões de habitantes.

Na análise do conselheiro Claudio Gabana a situação o número de fonoaudiólogos é insuficiente para

atender a demanda. “Estamos nos reunindo com os gestores para mudar esta realidade. Durante quinze anos eram apenas 11 fonoaudiólogos servidores da Prefeitura Municipal. Em 2013, com o concurso público, o número de profissionais subiu para 21, mas ainda é pouco para atender a demanda Hospitalar, Ambulatorial e de Saúde Coletiva”, destaca Gabana.

Cibele Avendano



Alegre mostrando que a cidade é dividida em oito gerências distritais, cada uma contemplando uma região da cidade. Em cada uma destas gerências, há a previsão de dois fonoaudiólogos para o atendimento de adultos e crianças. A totalidade destas vagas ainda não foi preenchida. ■

Palestras aproximam população dos CUIDADOS FONOAUDIOLÓGICOS



Crédito?

Thaiane Firmino - repórter

Como forma de conscientizar e estimular a melhoria da qualidade de vida da população, em São Félix do Piauí (PI) são promovidas palestras mensais para transmitir informações e prestar esclarecimentos sobre voz e audição. Para a área da saúde, promover reuniões junto à comunidade é uma das ferramentas mais eficazes

para a mudança de comportamento com ênfase nos bons hábitos.

Na cidade, localizada a 159 km da capital Teresina, a fonoaudiologia criou ambiente propício para a realização das atividades. Há cinco meses, os são-felicenses aprendem sobre a diminuição da audição com o avançar da idade (presbiacusia), a importância do exame destinado aos recém-



Legendas



Legendas

-nascidos para identificar possíveis deficiências auditivas e aspectos da higiene vocal.

O município, que tem pouco mais de três mil habitantes, conta com a iniciativa da fonoaudióloga Elaine Moura. Segundo ela, essa é a oportunidade que moradores de regiões distantes dos grandes centros têm para acessar informações de forma menos burocrática e mais solidária. “A realização das palestras é a oportunidade que a comunidade tem de tirar dúvidas e solicitar esclarecimentos. A resposta às realizações está no aumento da procura pelo serviço de fonoaudiologia na unidade de saúde aqui da cidade”, destacou.

As palestras acontecem de forma permanente e não há prazo determinado para finalização da iniciativa. Para a estudante de pedagogia, Angé-

lica Norberto, ter acesso a momentos de aprendizado junto à profissional de fonoaudiologia é um incentivo às boas práticas. “Replico o que é ensinado nas palestras para pessoas ao meu redor. Me sinto impulsionada a mudar determinados costumes, como por exemplo, deixar de falar alto com pessoas que não escutam bem e passar a falar pausadamente”, contou.

Além de encontros comunitários, também são realizadas palestras para públicos específicos, como professores da rede municipal. Para esses, além das temáticas comumente abordadas, a idealizadora da ação trata sobre comunicação, produção vocal, tipos de alteração da voz (disfonia) e realiza exercícios de aquecimento vocal. Ao final das palestras os participantes recebem folhetos com dicas de higiene vocal. ■

Fonoaudiologia precisa avançar

É essencial que o “olhar” da Fonoaudiologia também esteja contemplado nas ações de promoção, prevenção e ações intersetoriais que impactam nas políticas públicas.

O CONASEMS tem destaque na história das políticas públicas no Brasil, bem como do próprio SUS, com a participação permanente dos municípios na cena das políticas sociais sempre apontando propostas inovadoras e ousadas de políticas marcadas pelo compromisso com as necessidades e demandas da população. Portanto, se confunde com a história do SUS pelo papel preponderante nesta construção, consolidando um esforço coletivo de luta do movimento municipalista em prol da implantação do Sistema Único de Saúde. Nesse sentido, a Revista Comunicar traz uma entrevista especial com o presidente do Conasems, Mauro Junqueira.



Suzana Campos

ar em relação à Saúde Pública

de saúde pública que vão desde o planejamento e gestão em saúde, até as ações

Revista Comunicar: O Conasems é um importante espaço de mobilização, avaliação e proposição de diretrizes para a formulação da política de saúde para o SUS em todas as esferas. Qual a importância da participação da sociedade nesse diálogo? E qual a importância da participação dos Conselhos Profissionais nesse espaço?

Mauro Junqueira: Sobre a participação da sociedade, não é a toa que foi inscrito na Constituição Brasileira como uma das diretrizes do SUS, o que garante que a sociedade participe nas decisões sobre os rumos da saúde nos municípios e exerça seus direitos. A Lei 8080/90 reforça a importância desta participação, e ainda destaca que o processo de planejamento do SUS deve ser ascendente. Isso significa que a escuta das necessidades de saúde da população deve partir da esfera municipal, passando pela estadual até a federal, e que para isso devem ser ouvidos seus respectivos órgãos deliberativos, ou seja, conselhos e conferências. Partimos dos principais marcos legais do SUS para referendar o que nossa entidade entende

como gestão participativa e democrática. Nesta construção os trabalhadores do SUS são protagonistas importantes e conseqüentemente os respectivos conselhos profissionais, mas vale lembrar que a defesa do SUS, do direito à saúde e da vida vem em primeiro lugar.

Revista Comunicar: Embora a Fonoaudiologia seja uma profissão organizada politicamente, você acha que ainda é preciso avançar em questões relacionadas à Saúde Pública?

Mauro Junqueira: Sim. Uma das diretrizes do SUS é a integralidade e a produção do cuidado. Para assegurar estes dois objetivos, é necessário inserir mais esta profissão no contexto do SUS para atendimento às necessidades de saúde dos usuários que dele necessitem. É essencial que o “olhar” da Fonoaudiologia também esteja contemplado nas ações de saúde pública que vão desde o planejamento e gestão em saúde, até as ações de promoção, prevenção e ações inter-setoriais que impactam nas políticas públicas.

Entretanto, é necessário que o processo de formação desse profissional esteja articulado às necessidades do sistema, contribuindo de forma concreta com a redução e tratamento de morbidades. Conquistas importantes estão acontecendo mediante Lei Federal nº 12.303, de 2 de agosto de 2010 que assegura o teste da orelhinha e, a Lei nº 13.002/2014 que torna obrigatória a realização do Teste da Linguinha em recém-nascidos. No âmbito da assistência e reabilitação podemos destacar a importância do Fonoaudiólogo nas UTI'S, na organização dos cuidados prolongados, composição da equipe multiprofissional dos NASF's, na assistência a usuários vítimas de Acidente Vascular Cerebral (AVC) e outras doenças neurológicas que afetam a audição e voz, a recém-nascidos grave em maternidades e UTI's neonatal, pacientes com distúrbios de audição (surdez) e de voz (como no caso de professores).

O serviço de Fonoaudiologia no Sistema Único de Saúde vem crescendo com a implementação da Rede de Atenção visando a integralidade da atenção. Para além da prevenção limitada à diminuição da ocorrência de doenças, o SUS tem que se organizar no sentido da promoção, proteção, diagnóstico, tratamento e reabilitação da saúde individual e coletiva.

Revista Comunicar: Quais as estratégias do Conasems para implementar as redes de atenção básica, e os serviços que dela dependem, como, por exemplo, o Teste da Linguinha? Como está esta discussão no Conasems?

Mauro Junqueira: Na organização da Rede de Atenção, que vai da Atenção Básica, Especializada e dos procedimentos de Alta Complexidade, o contexto da Fonoaudiologia torna-se imprescindível por exemplo na Atenção básica para a promoção e orientação do aleitamento materno, ou na Atenção Especializada como uma intervenção em nível secundário do diagnóstico e tratamento dos desvios fonológicos e como uma medida em nível terciário a reabilitação e atuação de complexidades relevantes a esse profissional.

O Teste da Linguinha nas maternidades do país está consoante com o preconizado pela Rede Cegonha que dentre seus componentes prevê a garantia da atenção à saúde da criança de 0 a 24 meses com qualidade e resolutividade, por meio da promoção do aleitamento materno, acompanhamento da criança na atenção básica e garantia de atendimento especializado para casos de maior risco, entre outras ações.

O Conasems, através dos Cosems, trabalha na orientação dos municípios nesse cumprimento, através de encontros, cursos, treinamentos, mobilização

nos congressos, seminários e fóruns específicos. Além de participar dos GTs tripartites na definição das diretrizes.

Revista Comunicar: Como o Conasems prevê os próximos anos da gestão em saúde, caso a PEC 241, seja aprovada?

Mauro Junqueira: A PEC 241 apresentada pelo Poder Executivo à apreciação e aprovação do Congresso Nacional, que tem como justificativa a intenção de reverter, a médio e longo prazo, o atual desequilíbrio fiscal do Governo Federal. Entretanto, a limitação do crescimento dos gastos públicos na gestão Federal trás consigo perdas consideráveis de recursos destinados às áreas sociais, especialmente aos gastos com Ações e Serviços Públicos de Saúde – ASPS, não só na gestão federal do Sistema Único de Saúde (SUS), mas também nas gestões municipal e estadual que compartilham 60% do orçamento federal da saúde. Pela regra atual (Emenda Constitucional 86) o valor mínimo a ser aplicado em ASPS no ano de 2016 é de 13,2% da Receita Corrente Líquida (RCL), atingindo 15%, de forma escalonada até o ano de 2020. Ressalta-se que a regra vigente foi prejudicial ao orçamento federal do SUS em função da retração de recursos frente à regra anterior (Emenda Constitucional 29). Em valores atualizados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), a perda da saúde entre

2015 e 2016 foi de R\$ 17 bilhões. Não diferente é a situação entre 2016 e 2017 que registra um déficit de R\$10 bilhões (IPCA base mês de julho de 2016). Entretanto, ainda mais tenebroso é o cenário com a PEC 241. A partir do exercício financeiro de 2017, as aplicações mínimas de recursos deverão corresponder, no exercício financeiro seguinte, às aplicações mínimas referentes ao exercício anterior, corrigidas pelo IPCA. As perdas sociais são claras com a desconsideração do crescimento e o envelhecimento da população, do aumento de doenças crônicas, da necessidade de incorporação de novas tecnologias, das ações e serviços de saúde dedicados a combater agravos inusitados, novas e inesperadas doenças. A despeito de um incremento de R\$10 bilhões para o ano de 2017, as projeções apontam para uma perda média na saúde, entre 2020 e 2036, de R\$26 bilhões por ano. A defesa de uma gestão eficiente requer o permanente combate a todas as formas de desperdício com o melhor uso dos recursos públicos. No entanto, a melhoria da gestão pública não implica consequentemente em redução do gasto público na proporção que se pensa. Contenção de gastos na saúde fatalmente reduz ou interrompe serviços, significando sempre desassistência, potencial aumento do risco de doenças e de agravos com reflexos desastrosos sobre a saúde das pessoas. ■

AVALIAÇÃO A

é aliada no desenvolvimento de bebês co



AUDIOLÓGICA

Com microcefalia decorrente do Zika Vírus

Divulgação UFRN



Thaiane Firmino - repórter

Com a finalidade de verificar a audição da criança e detectar a presença de deficiência auditiva, fonoaudiólogos em todo o Brasil realizam a chamada avaliação audiológica. Diante do aumento do número de casos de microcefalia em 2016, a atuação de profissionais da fonoaudiologia junto à bebês diagnosticados com má-formação, em decorrência da exposição ao Zika Vírus, se tornou fundamental. O uso de equipamentos, a experiência profissional na observação do comportamento auditivo e o relato dos pais/responsáveis quanto às habilidades auditivas demonstradas no dia-a-dia estão entre os procedimentos mais utilizados.

Em outubro, o Ministério da Saúde divulgou que apenas neste ano já foram notificados quase 10 mil casos de microcefalia no país. Destes, pouco mais de dois mil foram confirmados, cinco mil descartados e os demais continuam sob investigação. A partir de análises laboratoriais, foi comprovado que centenas de bebês tiveram a síndrome provocada pela transmissão do Vírus Zika durante a gestação. Nestas situações a avaliação audiológica visa identificar e caracterizar alterações que possam estar associadas ao quadro clínico, subsidiando o entendimento, já que a audição é fundamental para o desenvolvimento da fala e da linguagem da criança.

Em decorrência do impacto do Zika Vírus na saúde



Diante do aumento do número de casos de microcefalia em 2016, a atuação de profissionais da fonoaudiologia junto à bebês diagnosticados com má-formação, em decorrência da exposição ao Zika Vírus, se tornou fundamental.



Em outubro, o Ministério da Saúde divulgou que apenas neste ano já foram notificados quase 10 mil casos de microcefalia no país



Nesse panorama, o profissional da fonoaudiologia atua diretamente no tratamento da dificuldade de engolir e sugar, na restrição auditiva e de linguagem, além de trabalhar com variedades de procedimentos para obter informações que direcionarão o planejamento terapêutico

infantil, desde o ano de 2015 a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), através da triagem auditiva neonatal na Maternidade Escola Januário Cicco e do diagnóstico audiológico pediátrico na Clínica Escola de Fonoaudiologia, iniciou atendimento específico para crianças com microcefalia. Através do Projeto de Saúde Auditiva Pediátrico, que existe desde 2011, e conta com equipe multidisciplinar, os bebês atendidos são acompanhados semestralmente com expectativa de permanecerem sob os cuidados da equipe até os três anos de idade.

Nesse panorama, o profissional da fonoaudiologia atua diretamente no tratamento da dificuldade de engolir e sugar, na restrição auditiva e de linguagem, além de trabalhar com variedades de procedimentos para obter informações que direcionarão o planejamento terapêutico. “O que observamos é que o atendimento a esses pacientes e suas famílias necessita de uma atenção direcionada. Apesar dos procedimentos utilizados serem similares ao diagnóstico audiológico em outros quadros clínicos, temos observado que esses bebês têm apresentado um comportamento peculiar, tais como: irritabilidade, tempo de sono reduzido e choro persistente. Isso faz com que o tempo de realização do exame au-

mente ou gere a necessidade de retornos para conclusão da avaliação. Além disso, temos observado a necessidade de desenvolvimento de tecnologia para dar suporte a uma melhor avaliação”, contou a pesquisadora e professora da UFRN, fonoaudióloga Fabiana Araújo.

Em Teresina, capital do Piauí, o Centro Integrado de Reabilitação (Ceir) faz o acompanhamento de 70 crianças diagnosticadas com microcefalia ligada ao Zika Vírus, através do Grupo de Estimulação Precoce. Entre eles está Davi Lorenzo de Araújo, bebê com um ano de idade que desde os dois meses é acompanhado pela equipe multidisciplinar da Instituição, e realiza monitoramento auditivo a cada seis meses, além de participar periodicamente de trabalho específico da fonoaudiologia. “Eu fazia barulhos com os dedos e percebia que ele não acompanhava os estímulos auditivos”, contou a mãe de Davi, Raquélia de Araújo Torres, ao falar sobre o momento em que percebeu a dificuldade de seu filho.

Ainda é cedo para determinar o tipo de perda auditiva mais comum em pacientes diagnosticados com microcefalia associada ao Zika Vírus, mas já é possível perceber a necessidade de demandas específicas. Segundo a fonoaudióloga e audiologista do Programa de Saúde Auditiva (APAC) do Ceir,



Desde os dois meses Davi Lorenzo de Araújo realiza monitoramento auditivo a cada seis meses

Cecília Baldi, em breve será iniciado processo para mensurar o número de crianças que tiveram a audição afetada. “O Conselho de Ética aprovou e o setor de audiologia, em parceria com o setor de reabilitação da microcefalia, realizou o levantamento dos prontuários dos bebês com diagnós-

tico confirmado para investigar as nuances das questões auditivas. A partir de agora serão realizados todos os exames auditivos necessários para o diagnóstico e tratamento das possíveis perdas, e, quando necessário, será feita a adaptação de aparelho auditivo”, explicou. ■

Prefeitura de São Paulo veta projeto de lei sobre dislexia considerando posicionamento do Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª Região

Frente à aprovação do Substitutivo ao Projeto de Lei Nº 86/2006, em sessão ordinária da Câmara Municipal de São Paulo em 24/08/16, que “Dispõe sobre a Política de reconhecimento da Dislexia na Rede Municipal de Ensino e dá outras providências”, o CRFa. 2ª Região elaborou carta de manifesto, subscrita por entidades significativamente representativas de diversos segmentos da sociedade civil (conselhos profissionais, fóruns, sociedades científicas e acadêmicas, instâncias de controle social), pelo veto integral da matéria.

O teor da carta foi resultado de amplas e diversas discussões realizadas desde o início da tramitação do Projeto de Lei nº 86/2006, em razão da preocupação com a crescente onda de medicalização dos processos de aprendizagem. Apesar da legítima tentativa de apoiar a educação de estudantes que vivenciam processos conflituosos na aprendizagem da leitura e da escrita, o texto incorria em equívocos graves ao desconsiderar as políticas públicas das áreas

da educação e da saúde, bem como as características do processo de aprendizagem e as atribuições do professor.

Em seus artigos 1º e 2º, o texto do projeto ignora que a Prefeitura já mantém política que garante a atenção e o apoio aos estudantes que apresentam questões no processo de aprendizagem, seja em função de possíveis alterações orgânicas ou de características próprias da aprendizagem. Além disso, o artigo 3º representa uma duplicidade de legislação, visto que a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Portarias do MEC, o Plano Municipal de Educação, bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais, já asseguram o direito aos recursos e estratégias educacionais que garantam a aprendizagem de todos os estudantes, independente da existência de possíveis alterações orgânicas que comprometam a aprendizagem.

De acordo com o disposto na Nota Técnica Nº 04/2014/ MEC/SECADI/DPEE, a imposição de diagnósticos e laudos de transtornos de aprendizagem para que crianças e jovens tenham acesso aos recursos pedagógicos e educacionais, tanto na rede pública quanto na privada, constitui-se como uma violação à Constituição Federal de 1988, que define em seu artigo 205 “a educação como direito de todos, dever do Estado e da família, com a colaboração da

sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

O artigo 4º do Projeto de Lei traz mais um grave equívoco ao estabelecer que os professores devem receber “formação continuada, objetivando capacitá-los para identificação de sinais de dislexia e outros transtornos que afetam a aprendizagem, e para o atendimento educacional especializado a esses alunos”. O texto propõe e autoriza o professor realizar pré-diagnósticos de questões alheias ao papel docente, confundindo a necessária formação para o atendimento educacional integral ao estudante com a capacitação para a identificação precoce de diagnósticos clínicos, o que é incompatível com características do espaço educacional e o trabalho docente. Trata-se de um grave conflito com a função do professor, conforme estabelece o artigo 1º da LDB, que tem o direito e o dever da docência.

Ao redigir [essa carta](#) o CRFa. 2ª Região reafirmou seu posicionamento, que foi considerado pelo prefeito Fernando Haddad para o veto integral do projeto de lei, conforme pode-se ler no site da Câmara Municipal de São Paulo.

Acesse nos links a seguir os documentos redigidos pelo CRFa. 2ª Região ([Parecer CRFa](#) / [Veto Prefeitura](#)). ■



Sistema de Conselhos posiciona-se contra criação de cursos de graduação em Fonoaudiologia à distância

O CRFa. 2ª Região tem participado de discussões referente aos cursos de graduação em Educação à Distância (EaD) na área da Saúde. Em 2013, o Fórum dos Conselhos Atividades Fim da Saúde (FCAFS) instituiu o GT de Educação, voltado às discussões relativas à formação do profissional de saúde, em nível de graduação e pós-graduação, por seu impacto direto na qualidade da assistência prestada à sociedade.

Dentre os assuntos elencados pelo grupo de trabalho para discussão, figurava a EaD, modalidade regulamentada pelo MEC desde 1998, por meio dos decretos nº 2494/98 e nº 2561/98.

Para compreender e analisar as implicações da formação EaD na área da saúde, em 30 de junho de 2016, o FCAFS promoveu o “I Encontro dos Conselhos Profissionais da Área da Saúde para discutir Ensino à Distância na Graduação”. O evento contou com a presença de representantes de nove Conselhos Profissionais e possibilitou conhecer o ce-

nário atual da formação na modalidade EaD em nível de graduação, nas áreas de Enfermagem e Educação Física, que possuem diversos pólos de formação em todo Brasil. Dentre as deliberações do evento, especialmente de fomentar as discussões nos diversos espaços (legislativo, executivo, mídia), cada Conselho Regional comprometeu-se a pautar o assunto em suas plenárias e emitir posicionamento favorável ou contrário à formação EaD na graduação.

Paralelamente a essa discussão, tomou-se conhecimento de um movimento para que projetos de leis sejam aprovados na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) com objetivo de proibir a abertura de cursos profissionais na modalidade EaD na área da saúde.

Após debater o tema em sessão plenária ordinária, o CRFa. 2ª Região também posicionou-se contrário à formação à distância em Fonoaudiologia. Veja a íntegra do documento redigido pela Comissão de Ensino deste Regional, encaminhado ao FCAFS. ■



Referente: Cursos de Graduação em Fonoaudiologia na modalidade EaD

Nos últimos anos, houve incentivo do Ministério da Educação para abertura de cursos de graduação à distância. No entanto, entidades representativas da área da saúde do Estado de São Paulo vêm discutindo amplamente o impacto da formação profissional nessa modalidade.

O Conselho Nacional de Saúde se manifestou sobre o assunto, por meio da Resolução nº 515, em junho de 2016, e

“posiciona-se contrário à autorização de todo e qualquer curso de graduação da área da saúde, ministrado na modalidade Educação a Distância (EaD), pelos prejuízos que tais cursos podem oferecer à qualidade da formação de seus profissionais, bem como pelos riscos que estes profissionais possam causar à sociedade, imediato, a médio e a longo prazo, refletindo uma formação inadequada e sem integração ensino/serviço/comunidade”.

Mesmo não havendo Cursos de Graduação em Fonoaudiologia em funcionamento no Estado de São Paulo na modalidade EaD, o Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª Região também é contrário à formação à distância em Fonoaudiologia, pelas seguintes razões:

1. As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fonoaudiologia (RESOLUÇÃO CNE/CES 5, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002) preconizam que

“A formação do Fonoaudiólogo deve garantir o desenvolvimento de estágios curriculares, sob supervisão docente, no qual o aluno adquira experiência profissional específica em avaliação, diagnóstico, terapia e assessoria fonoaudiológicas. A carga horária mínima do estágio curricular supervisionado deverá atingir 20% da carga horária total do Curso de Graduação em Fonoaudiologia proposto, com base no Parecer/Resolução específico da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.

Parágrafo único. A maioria destas atividades deve ser realizada na clínica-escola, adequadamente equipada para tal finalidade.” (grifo nosso)

Sede:

Rua Tanabi, 64
Água Branca - CEP 05002-010
São Paulo - SP
Tel.: (11) 3873-3788 / Fax: (11) 3873-3245
site: www.fonoasp.org.br
e-mail: info@fonoasp.org.br

Delegacia de Ribeirão Preto:

Rua Bernardino de Campos, 1001
13º andar - Cj. 1303 - CEP 14015-130
Ribeirão Preto - SP
Tel.: (16) 3632-2555 / Fax: (11) 3941-4220
e-mail: deleg_ribeiraopreto@fonoasp.org.br

Delegacia de Marília:

Rua Passa Leme, 47 - 2º andar - sala 51
CEP 17500-160 - Centro
Marília - SP
Tel./Fax: (14) 3413-6417
e-mail: deleg_marilia@fonoasp.org.br

Delegacia de Santos:

Rua Joaquim Távora, 63 - Cj. 15
CEP 11075-300 - Vila Mathias
Santos - SP
Tel.: (13) 3221-4647 / Fax.: (13) 3224-4908
e-mail: deleg_baixada_siba@fonoasp.org.br



CONSELHO REGIONAL DE FONOAUDIOLOGIA - 2ª REGIÃO / SP

As Diretrizes Curriculares Nacionais em dos Cursos de Graduação em Fonoaudiologia também ressaltam a necessidade de formação do profissional voltada para o Sistema Único de Saúde e o cuidado integral, havendo a necessidade de experiências em diferentes cenários de ensino-aprendizagem, vinculadas ao mundo do trabalho e às necessidades reais de saúde das pessoas, ao longo do curso.

2. A lei nº 6.965, de 9 de dezembro de 1981, que regulamenta a profissão define o fonoaudiólogo como

“profissional, com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológicas na área da comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz”.

Não há como formar o aluno para atuar na comunicação humana privando-o de estabelecer relações interpessoais, implícitas no exercício da profissão do fonoaudiólogo.

3. As competências para a formação profissional em Fonoaudiologia dependem da interação com outros indivíduos, adquiridas em cursos presenciais.

O Conselho Regional de Fonoaudiologia e a Comissão de Ensino da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia têm como compromisso a qualidade da formação do fonoaudiólogo, assim como assegurar aos usuários um cuidado integral e qualificado.

Por fim, ressaltamos que a Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia é signatária do documento proposto pela CIRH/CNS sobre a temática em questão.

Marcia Cristiane de Freitas Mendes Civitella
Presidente

Lucia Kazuko Nishino
Presidente da Comissão de Ensino

Sede:

Rua Tanabi, 64
Água Branca - CEP 05002-010
São Paulo - SP
Tel.: (11) 3873-3788 / Fax: (11) 3873-3245
site: www.fonosp.org.br
e-mail: info@fonosp.org.br

Delegacia de Ribeirão Preto:

Rua Bernardino de Campos, 1001
13º andar - Cj. 1303 - CEP 14075-130
Ribeirão Preto - SP
Tel.: (16) 3632-2555 / Fax: (11) 3941-4220
e-mail: deleg_rbeirosp@fonosp.org.br

Delegacia de Marília:

Rua Passo Leme, 47 - 5º andar - sala 51
CEP 17500-100 - Centro
Marília - SP
Tel./Fax: (14) 3413-6417
e-mail: deleg_marilia@fonosp.org.br

Delegacia de Santos:

Rua Joaquim Távora, 93 - Cj. 15
CEP 11075-300 - Vila Matheus
Santos - SP
Tel.: (13) 3221-4647 / Fax: (13) 3224-4908
e-mail: deleg_baixada_s@fonosp.org.br

Evento: 8º Encontro Brasileiro de Pessoas que Gaguejam

Data: 26 de novembro
Organização: UFMG
Inscrições: abragagueira.org.br

Evento: III Simpósio Fonoaudiologia Gerontológica SBGG-RJ

Data: 1 e 2 de dezembro
Local: Auditório da Caixa Cultural (Av. Almirante Barroso, nº 25, Centro, Rio de Janeiro)
Organização: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
Inscrições: www.sbggrj.org.br

Evento: Fonoaudiologia
Data:
Horário:
Local:
Acre:
Organização:
Correio:

Encontro Regional de Fonoaudiologia e Odontologia nos Distúrbios Respiratórios do Sono

26 de novembro de 2016
Auditório do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (UFPE)
Inscrições: sonorecife@hotmail.com

Evento: Reunião Temática sobre Disfagia

Data: 05/12
Cidade: Montes Claros (MG)
Informações: www.crefono6.org.br

Evento: Homenagem ao dia do Fonoaudiólogo

Data: 08 de dezembro de 2016

Horário: 10h às 13h

Local: Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

Organização: Deputado Estadual Raimundo Costa – Raimundinho da Saúde

Evento: III EFONO - Encontro da Comunicação Humana

Data: 09 de dezembro

Local: Universidade Salgado de Oliveira - Sala Universo (Rua Marechal Deodoro, nº 211, Centro, Niterói-RJ)

Organização: CREFONO1

Inscrições: www.crefono1.gov.br



EVENTO: VII Seminário Comemorativo ao Dia do Fonoaudiólogo

Data: 09/12/2016

Local: Auditório da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA- Rua Sarmento Leite, 245 – Porto Alegre/RS.

Organização: Crefono 7

Inscrições: crefono7@crefono7.org.br

Evento: Semana do Fonoaudiólogo – Intervenções para a saúde plena

Data: 10/12

Cidade: Vitória (ES)

Informações: www.crefono6.org.br

Campanha: Dia Internacional de Atenção à Gagueira

Suzana Campos - repórter

Campanha do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia, em atenção ao Dia Internacional de Atenção à Gagueira, propõe o combate do bullying contra as pessoas que gaguejam #gagueiranãotemgraca

Em sua segunda edição o Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia realizou em outubro a campanha de conscientização sobre o Dia Internacional de Atenção à Gagueira - 22 de outubro. O objetivo da campanha foi de combater o bullying sofrido pelas crianças que gaguejam, através da desmistificação de diversos aspectos relacionados à gagueira, além de reforçar a importância do acompanhamento fonoaudiológico.

O público alvo da campanha não se restringiu ao ambiente escolar, as ações de conscientização atingiram

Gagueira não tem graça, TEM TRATAMENTO!



A gagueira atinge cerca de 5% das crianças e é motivo de preconceito e bullying na escola. A intervenção fonoaudiológica precoce e o envolvimento da família e da escola são essenciais para melhorar a fluência, assim como a integração social e escolar.

PROCURE UM FONOAUDIÓLOGO.

Apoio:



Instituto Brasileiro de Fluência - IBF



Associação Brasileira de Gagueira - Abragagueira

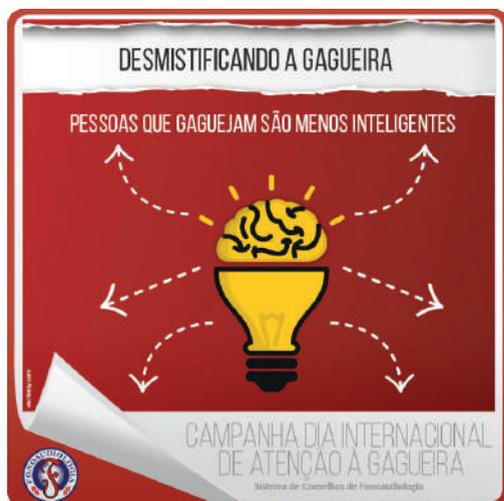


Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia

crianças e professores, além de gestores, familiares, fonoaudiólogos e a população modo geral.

Saiba mais - A gagueira atinge cerca 5% das crianças e é motivo de preconceito e bullying na escola. A intervenção fonoaudiológica precoce e o en-

volvimento da família e da escola são essenciais para melhorar a fluência, assim como a integração social e escolar. A criança que gagueja tem que ser tratada com respeito e ter as suas escolhas respeitadas. Gagueira não tem graça. Tem tratamento. ■



Não há relação de causa ou consequência entre gagueira e inteligência, ou seja, não é a falta de inteligência que causa a gagueira e nem a gagueira deixa a pessoa menos inteligente. Algumas pessoas com gagueira optam por expressar menos suas opiniões oralmente; eventualmente esta atitude pode dar a impressão para o interlocutor de que a pessoa é menos inteligente, mas este geralmente não é o caso. Produção de conteúdo: Sandra Merlo e Hugo Silva

Tendo em vista que a ocorrência da gagueira é involuntária, a pessoa que gagueja não consegue ter controle absoluto sobre a sua fala. Por isso, nem a maior força de vontade poderia impedir a ocorrência da gagueira. Por outro lado, a força de vontade pode ser uma grande aliada na superação da gagueira, facilitando a adesão aos tratamentos especializados. Produção de conteúdo: Sandra Merlo e Hugo Silva

Baixar o volume hoje, e ouça bem amanhã

Suzana Campos - repórter

Em campanha nacional, Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia alerta para os perigos do uso excessivo de fones de ouvido com volume alto

De acordo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a perda auditiva atinge cerca de 360 milhões de pessoas independentemente da idade. Nesse contexto, para marcar o Dia Nacional de Combate à Surdez - 10 de novembro, o Sistema de Conselhos alertou a população sobre os perigos do uso excessivo de fones de ouvido com volume alto.

Problemas auditivos não são exclusividade apenas da terceira idade, o índice de perda auditiva aumenta gradativamente entre jovens e adolescentes. Isso acontece principalmente em razão do hábito cotidiano de usar fones de ouvido com volume muito alto. O mais preocupante segundo os pesquisadores é que essa perda auditiva é gradual, cumulativa e pode ser irreversível dependendo do volume e

**BAIXE o volume HOJE
e OUÇA BEM SEMPRE**

Cuide da sua audição,
procure um fonoaudiólogo.

**10 DE NOVEMBRO
DIA NACIONAL DE COMBATE
À SURDEZ**

FONOAUDIOLOGIA
Sistema de Conselhos
de Fonoaudiologia

do tempo de exposição.

O fonoaudiólogo é o profissional com competência para atuar na avaliação e na reabilitação auditiva de pessoas em qualquer idade, e o Sistema de Conselhos de Fono-

audiologia alerta: Diminua o volume hoje, e ouça bem sempre. Ao primeiro sinal de perda auditiva procure um fonoaudiólogo. Ele é o profissional habilitado pela Lei 6965/81 para realizar exames audiológicos. ■



Fique atento: Exposição a sons altos por muito tempo pode causar perda auditiva.



Uma dica: baixe o volume até ouvir os sons do ambiente.



Cuide da sua audição. Procure um fonoaudiólogo.



Por último: limpe seus fones sempre e evite compartilhar.

Indicadores nos processos à saúde para otimizar

Thaiane Firmino - repórter

No Hospital Geral Waldemar de Alcântara (HGWA), em Fortaleza (CE), a área de fonoaudiologia utiliza indicadores no planejamento de suas atividades. Desde o ano de 2005 a Instituição adotou o mecanismo como estratégia de gerenciamento de tempo e estabelecimento de prioridades. A ferramenta também contribui com a utilização adequada de recursos, avaliação da qualidade dos serviços implementados, auxilia na tomada de decisões e contribui com a melhoria dos processos de assistência à saúde.

Atingir os resultados esperados é o objetivo de grande parte dos profissionais. Com a utilização dos indicadores, os fonoaudiólogos têm acesso a contabilização das assistências realizadas e podem avaliar os atendimentos, o que favorece não apenas o profissional, mas também o paciente. Após a escolha dos indicadores mais importantes, são elaborados materiais para facilitar a coleta dos dados e posterior análise.

Segundo a coordenadora do serviço de fonoaudiologia do HGWA, Adriana Ítala Arruda, entre os principais indicadores está a produtividade, que registra o número de pacientes assistidos, os não atendidos e a quantidade de procedimentos realizados. Para ela, esse mecanismo é relevante e contribui com o gestor no que diz respeito à necessidade de ampliação do quadro de funcionários, por exemplo.



Processos de assistência e digitalização de serviços

Pelo fato dos indicadores possibilitarem a visualização dos resultados em números, há significativa oportunidade de fomentar a profissão e expor o quanto a fonoaudiologia é o diferencial nas instâncias primária, secundária e terciária da saúde. “Para a instituição a nossa profissão tem papel importantíssimo na diminuição dos custos hospitalares. Para o paciente, a resposta está na devolução do prazer em alimentar-se, comunicar-se e socializar-se. Isso sem contar com a redução no tempo de internação”, afirmou Arruda.

Um dos indicadores de maior destaque para a área da fonoaudiologia é o tempo de desmame de sonda. Atualmente no HGWA todos os pacientes internados são avaliados pela fonoaudiologia, que determina a realização de via oral segura, prevenindo os riscos de broncoaspiração - aspiração de conteúdo gástrico ou corpo estranho na árvore traqueobrônquica.

Ao adotar o uso de indicadores as instituições têm a possibilidade de aperfeiçoar o serviço. Essa ferramenta impulsiona o raciocínio e o gerenciamento de resultados, além de viabilizar a precisão da análise do trabalho. “É de suma importância discutir e analisar indicadores mensalmente com a equipe assistencial/operacional, sinalizando e adequando as melhorias e os planos de ação. Fazer e não registrar o feito, é o mesmo que não ter feito”, conclui a coordenadora. ■

Programas de rádio ajudam

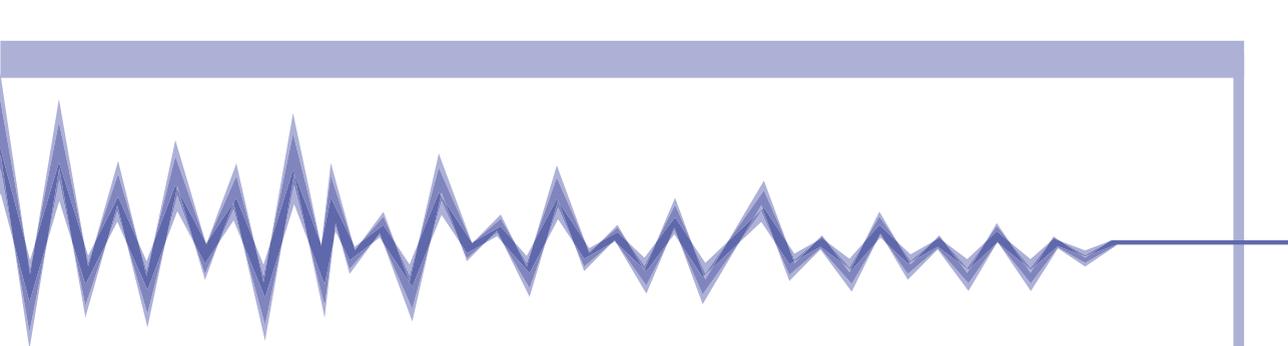


A fonoaudióloga Márcia Mehta e o técnico Gustavo Correa durante a gravação do programa de entrevistas “Comunicação em Pauta”

Rose Maria - repórter

O Programa de Saúde Vocal do Professor da Prefeitura do Rio de Janeiro completou 13 anos em setembro de 2016. Ação conjunta das Secretarias Municipais de Administração, Saúde e Educação da Prefeitura para tentar

conter o alto índice de afastamento de professores por adoecimento da voz, o programa foi muito bem sucedido ao oferecer saúde preventiva, evitando que o profissional adoça, mas também reabilitação para aqueles que já estão com algum problema, de forma que possam



professores a cuidar da voz

voltar à sala de aula.

O programa reúne 17 fonoaudiólogos, que trabalham diretamente nas 12 Coordenadorias Regionais de Educação, além de acompanhar perícias médicas ou exames admissionais. A Fonoaudiologia segue ao lado da atuação do professor na rede municipal de ensino ao longo de sua vida funcional, desde quando ele ingressa no sistema: se os treinamentos vão ensinar a melhor usar a voz e os cuidados que se deve ter com essa importante ferramenta de trabalho, o tratamento vai recuperar quem porventura apresentar alguma patologia.

Foi assim com Roberto Assunção Antunes, professor de História na rede municipal de ensino do Rio há 24 anos e, há cinco, também lecionando na rede estadual de Educação do Rio de Janeiro. “Professor de História fala muito”, diz ele. “Foi muito bom poder contar com o trabalho da fonoaudióloga para conter a ansiedade, aprender a respirar e pausar a voz. Ao lecionar, usamos muito a voz,

mas na licenciatura não há nada que fale sobre isso”, reclama Roberto.

Sua voz rouca chamou a atenção da fonoaudióloga que atua na Coordenadoria Regional de sua área de atuação e Roberto foi convidado a fazer parte do programa de saúde vocal para professores da Prefeitura. “Fiquei um ano e meio no programa e isso foi muito importante para mim. Acredito que 80% dos professores não sabem cuidar bem da voz. Hoje sou coordenador de História na Secretaria Municipal de Educação do Rio e faço muitas palestras para outros professores. Sem dúvida, saber usar melhor minha voz tornou meu trabalho muito mais efetivo”, opinou.

Nas ondas do rádio

Consolidado o projeto, os coordenadores do programa se depararam com um desafio: como atingir maior número de profissionais, principalmente os mais antigos? No final de 2015, a rede municipal de ensino do Rio de Janeiro somava 43 mil professores.

Foi então que a ex-coordenadora



Daniel Sant'anna, diretor da Web Rádio, e Ana Martins, âncora do programa "Comunicação em Pauta", entrevistam o endocrinologista Flávio Moutinho, diretor médico do Hospital Federal Cardoso Fontes, no Rio, e a fonoaudióloga responsável pelo Programa Saúde Vocal do Professor na 5ª CRE (Madureira, zona norte do Rio), Lilian Souza. Em pauta: alterações hormonais e a voz

do programa, a fonoaudióloga Márcia Magalhães Mehta (CRFa1-8827) procurou a parceria da MultiRio, empresa de Comunicação da Prefeitura, que produz programas para rádio e TV, para difundir esse conhecimento. "Primeiro surgiu o 'A Vez da Voz', spots para rádio com um minuto e meio com orientações sobre voz que entram ao longo da programação da rádio na WEB, diariamente. Depois veio o programa de entrevista 'Comunicação em Pauta', com cerca de 40 minutos, que aborda assuntos rela-

cionados à voz e à saúde do professor, reunindo sempre um fonoaudiólogo, um médico ou um profissional de Educação, além dos comunicadores Daniel Sant'anna, diretor da WEB Rádio, e Ana Martins, apresentadora do programa", contou Márcia Mehta.

Tanto as dicas de "A Vez da Voz", com a comunicadora Lucia Leme, como o "Comunicação em Pauta" são gravados com antecedência. Se o primeiro vai ao ar diariamente de quatro em quatro horas, o programa de entrevistas vai ao

ar todas as sextas-feiras. Após lançado, o “Comunicação em Pauta” da semana vai para a audioteca, no portal da MultiRio, e pode ser baixado pelo professor, diretor ou coordenador de uma escola quando ele quiser. Assim, já não é mais preciso tirar o professor de sala de aula: as informações podem chegar a ele nas horas de folga. E os centros de estudos das escolas, que também têm acesso ao conteúdo, podem aproveitar esse material e levar as discussões apresentadas nas entrevistas para os demais funcionários, além dos professores, como orientadores pedagógicos ou educacionais, além da própria direção, alunos ou a comunidade escolar.

“Qualquer pessoa pode baixar. Tem gente de outros estados ouvindo. Outro dia mesmo recebemos um contato de uma fonoaudióloga de Goiás, querendo saber como poderia fazer algo semelhante por lá. A ideia é que a gente saia do convencional, para facilitar que as informações cheguem às pessoas. Nosso objetivo é que qualquer um se aproprie do conhecimento e procure um fonoaudiólogo quando perceber que é necessário”, afirmou Márcia Mehta.

O comunicador Daniel Sant’anna, coordenador da Web Rádio, disse que fez um programa ano passado com Márcia Mehta para falar sobre Voz e

surgiu a ideia de fazer vídeos, com dicas de saúde vocal. “Seriam como comerciais, voltados para os professores, com orientações sobre Voz. Reformulamos a ideia e surgiram as pílulas para rádio, que são o ‘A Vez da Voz’. Já o ‘Comunicação em Pauta’ surgiu para esclarecer dúvidas e fazer o professor pensar sobre coisas sobre as quais ele nunca atentou. Por exemplo, hoje gravamos um programa com um endócrino e uma fonoaudióloga sobre a influência das alterações hormonais na voz. Tudo o que a gente puder fazer para ajudar alunos e professores é válido e se isso puder auxiliar outras pessoas, melhor”, avaliou Daniel.

A fonoaudióloga Julianna Ferrer (CRFa1-9545), que assumiu no início de outubro a coordenação do Programa de Saúde Vocal do Professor da Prefeitura do Rio de Janeiro, disse que a intenção é continuar o trabalho, mas é preciso aguardar o período de transição, já que um novo prefeito assume em janeiro. “Estive com a direção da Web Rádio recentemente e eles também têm interesse em continuar com a produção. Isso nos dá a certeza de que os programas são um sucesso, porque, se não estivessem dando retorno para eles, não iriam querer continuar”, concluiu Julianna. ■

Como evitar o bullying e seus efeitos

Gagueira não tem graça. Tem tratamento. Muitas associações e grupos de autoajuda voltados para gogos reforçam este conceito junto à sociedade, mas muitos portadores da dificuldade de fluência na fala ainda enfrentam o preconceito.

A fonoaudióloga Leila Nagib (CRFa1-2807), coordenadora do Ambulatório de Fluência do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), realizou uma pesquisa com estudantes de 10 até 17 anos que gaguejam e se encontram em terapia fonoaudiológica no Ambulatório sobre o bullying em estudantes que gaguejam.

Ela ressalta que bullying e assédio moral se diferenciam basicamente por dois aspectos: o espaço físico em que ocorrem e a idade da vítima e do agressor.

Bullying é um termo do inglês de difícil tradução, entretanto se mantém na língua portuguesa devido aos estudiosos acharem que a palavra se distingue de outras formas de violência, sendo específica dos espaços escolares ou de seus arredores. Assim, a intimidação continuada pode ocorrer, por exemplo, na sala de aula, nos corredores da escola, nos



Leila Nagib: "Professores

portões, nos pátios, durante o recreio, na entrada e saída do horário escolar.

Pode englobar todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que acontecem e sem aparente motivação, realizadas por um ou mais colegas contra outro(s) e causar sofrimento. Pode ser verbal, físico e material, psicológico e moral, sexual e virtual.

negativos sobre quem gagueja?



precisam ser orientados"

Os meninos praticam mais bullying físico, classificado como direto, enquanto as meninas estão inseridas no verbal e psicológico, geralmente mais indireto.

Um estudante é considerado vítima de bullying quando é exposto, repetidamente e durante um tempo prolongado, a ações negativas de um ou mais estudantes ou até mesmo de um pro-

fessor. Desigualdade de poder e atos repetidos entre iguais são essenciais para o conceito.

Todos os alunos são suscetíveis ao bullying, entretanto um aluno com dificuldades é mais passível de ser vítima. Assim, existem grupos mais vulneráveis à incidência do bullying, dentre eles, crianças e adolescentes com transtornos de linguagem e, mais especificamente e em maior escala, crianças que gaguejam.

“É bom lembrarmos que 1% da população gagueja cronicamente desde a infância”, ressalta Leila Nagib.

O assédio moral tem características semelhantes ao bullying, entretanto ele normalmente acontece no ambiente de trabalho, entre adultos. É vivenciado também de maneira dinâmica, ou seja, se desenvolve no tempo, com ações repetidas e relativamente duráveis. Todavia, se o praticante de assédio almeja acabar com a carreira da vítima, por exemplo, e consegue atingir este objetivo, esse ato não necessita mais se repetir. Assim, o fator temporal do assédio moral passa a ser uma questão diferenciada do bullying, que é contínuo.

Tanto a prática de bullying quanto

a de assédio moral podem trazer prejuízos à pessoa que gagueja, pois são ações que podem levar ao isolamento social e até mesmo exclusão de determinado grupo, intencionalmente.

Apesar da Gagueira do Desenvolvimento comprovadamente não possuir causa psicológica e sim neurológica, o emocional pode se dispor diretamente às fases da vida que a pessoa que gagueja vivencia. “Pesquisas de 2013 comprovaram que crianças e adolescentes que gaguejam podem sofrer influências de bullying até a vida adulta e em diferentes aspectos, tais como físico, emocional e até de personalidade”, atesta Leila Nagib.

Ela conta que pesquisadores de bullying/gagueira, ao analisarem grupos com e sem gagueira, encontraram que a vitimização foi quatro vezes maior no grupo com gagueira. Os dados de baixa autoestima e pouco otimismo também foram encontrados. “E nós fonoaudiólogos, terapeutas de fluência, presenciamos o agravamento de emoções negativas que o bullying e/ou o assédio moral podem causar em relação à fluência/gagueira, atrapalhando e até mesmo impedindo muitas vezes o avanço terapêutico”, completou.

Leila Nagib e sua equipe costumam instruir os adolescentes que gaguejam a conversarem com alguém (de prefe-

rência os pais) sobre o que está acontecendo. “No Ambulatório, oferecemos ajuda para este propósito. Juntos, podemos achar uma solução que deverá incluir a escola. Falar sobre o ocorrido é importantíssimo e concomitante à terapia fonoaudiológica, para o fortalecimento da fluência e amplitude da comunicação”, acredita ela.

Em sua prática, a coordenadora do Ambulatório de Fluência da UFRJ percebe que os fonoaudiólogos têm muito a contribuir para evitar o bullying, já que, a partir das visitas terapêuticas às escolas, é possível levar esclarecimentos sobre gagueira e outros transtornos fonoaudiológicos. “A tríade fonoaudiólogo, família e escola deve ser parceira e forte. O fonoaudiólogo deve visitar as escolas para levantar discussões e esclarecimentos sobre os temas bullying, assédio moral e gagueira, orientar pais juntamente com os que convivem com a pessoa que gagueja, pois alguns estudos relatam que os professores, por exemplo, raramente são orientados em relação a estes temas tão importantes”, orienta.

E vai além: “Podemos falar sobre as causas da gagueira com dados científicos, das formas de lidar com pessoas que gaguejam, elucidando que gagueira nada tem a ver com baixa cognição ou capacidade de pensar, agir, inteligência e vitalidade. Devemos instruir

que ninguém gagueja porque deseja ou porque não está respirando e, sim, mostrar que gagueira tem causa neurológica. Simultaneamente, quando a criança, adolescente ou adulto que gagueja se fortalece emocionalmente junto com sua ampliação de fluência, passa a saber se defender e dizer o que tem que ser dito na hora da intimidação”, ressalta Leila Nagib.

Na escola, uma das táticas para que a criança não apresente gagueira na leitura em sala de aula é estimular leituras em duplas, em coros, por exemplo. “A explicação científica é a de que, assim, usa-se um sistema motor que proverá pistas para a temporalização dos sinais de fala sem gagueira e a criança tenderá a ler fluentemente”, indica Leila Nagib.

Para ela, os professores, corretamente orientados, precisam discutir o tema em sala de aula sem necessariamente apontar para a pessoa que gagueja, pois, com certeza, se ocorre bullying contra a criança que gagueja, ocorre também com aquele que usa óculos ou qualquer criança que tem diferenças da maioria. Discutir o tema também junto aos funcionários da escola, aos que tomam conta dos espaços extra classe, também é uma boa forma de combater o bullying. “Percebemos que, muitas vezes, os apelidos e outras formas de intimidação são confundidas com brin-

cadeiras e se a criança não entende que isso já pode ser um ato de intimidação, ela também passa a ser praticante, aumentando o campo de vítimas”.

Leila Nagib acredita que só a divulgação maciça de aspectos científicos da Gagueira pode mudar, a médio e longo prazo, o comportamento social que discrimina o gago. “Nós, fonoaudiólogos, temos que ampliar cada vez mais nossas campanhas tão esclarecedoras e ricas para a população em geral. A sociedade precisa saber que a pessoa que gagueja necessita de terapia fonoaudiológica com um especialista, pois a reintegração e ampliação da fluência, suavização de sintomas da gagueira, dentre outros ganhos que a continuidade da terapia proporcionará, trarão o fortalecimento da auto estima e diminuição das emoções negativas”, reforça.

Leila Nagib informa que o Instituto Brasileiro de Fluência e a Abra-Gagueira (Associação Brasileira de Gagueira) possuem trabalhos com grupos de pessoas que gaguejam para ajuda-las a enfrentar o transtorno. “Na UFRJ, no Curso de Fonoaudiologia, Ambulatório de Fluência, temos trabalhos com grupos terapêuticos em Fonoaudiologia com excelentes resultados”.

Quando a Fonoaudiologia muda a vida das pessoas

"Eu não sei o que seria de mim sem a Fonoaudiologia. Ao longo dos meus 31 anos ela foi fundamental para o sucesso no meu tratamento de gagueira e um divisor de águas na minha vida pessoal e profissional." A citação é do jornalista Maurício Júnior, do Recife, que convive com a gagueira desde a infância e por muito tempo sofreu e lutou para esconder dos familiares e amigos a disfluência na fala.

Quando criança, lembra, usava truques, colocava palavras onde não devia com um único objetivo: esconder a gagueira. "Achava que fazendo dessa forma eu disfarçava a minha disfluência. Ledo engano, durante a terapia fonoaudiológica descobri que essas inserções na fala evidenciavam ainda mais as rupturas nos diálogos." O divisor de águas na

vida do jornalista em relação à gagueira foi durante o tratamento especializado

com a fonoaudióloga pernambucana, Taciana Luna. Durante mais de dois anos, trabalhou, entre outras atividades, a aceitação da gagueira. "Me ver como gago, não ter mais vergonha de falar gaguejando, enfrentar o problema de frente e eliminar a previsão da gagueira foi o ponto de partida para uma nova vida", comemora Maurício.

A evolução foi tanta que o jornalista começou a trabalhar como voluntário no Dia Internacional de Atenção à Gagueira

(DIAG), promovido todos os anos pela Associação Brasileira de Gagueira (Abra Gagueira) e Instituto Brasileiro de Fluência (IBF), em seu estado. Com o lema "Gagueira não tem graça. Tem



Me ver como gago, não ter mais vergonha de falar gaguejando, enfrentar o problema de frente e eliminar a previsão da gagueira foi o ponto de partida para uma nova vida"

tratamento", o movimento tem como objetivo aumentar o acesso ao conhecimento sobre a gagueira à população, sensibilizar os profissionais das áreas de saúde e educação para que possam realizar a detecção precoce da gagueira infantil e garantir que essa criança e sua família tenham o direito ao tratamento e orientações adequadas, transformando o quadro atual do nosso país.

Atualmente, a gagueira acomete 5% da população mundial, sendo 1% de forma crônica e persistente. No Brasil, afeta oito milhões de crianças e dois milhões de adolescentes e adultos. A fonoaudióloga Leila Nagib (CRFa 1-2807), coordenadora do Ambulatório de Fluência do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), acredita que só a divulgação maciça de aspectos científicos da Gagueira pode mudar, a médio e longo prazo, o comportamento social que discrimina o gago.

"Nós, fonoaudiólogos, temos que ampliar cada vez mais nossas campanhas tão esclarecedoras e ricas para a população em geral. A sociedade precisa saber que a pessoa que gagueja necessita de terapia fonoaudiológica com um especialista, pois a reintegração e ampliação da fluência, suavização de sintomas da gagueira, dentre outros ganhos que a continuidade da terapia

proporcionará, trarão o fortalecimento da auto estima e diminuição das emoções negativas", reforça a profissional.

Passados todos esses anos, hoje, Maurício Júnior considera-se uma pessoa feliz e realizada. "A gagueira não me atrapalha em nada. Tenho a plena convicção de que não existe cura, mas direciono meu foco para o meu trabalho e nas atividades que me trazem prazer. Se antes focava nas vezes em que difluía, hoje até esqueço que sou gago. Tudo isso graças ao trabalho fonoaudiológico que realizei durante boa parte da minha vida. Só tenho a agradecer a todos esses profissionais que se dedicam a cuidar da saúde da comunicação humana com tanto amor."

Expressão de linguagem

Durante as minhas pesquisas e trabalho clínico, algo que sempre me intrigava era o fato da pessoa que gaguejava sempre apresentar momentos de fluência significativos mesmo que intercalados com momentos de total bloqueio da fala. Momentos em que fomos percebendo que a fluência do corpo era interrompida, ocasionando a interrupção da voz e da fala.

A partir da noção de inconsciente freudiano, considero cada caso como único. Entendo a gagueira não como um sintoma a ser suprimido, mas como



Fonoaudióloga e Psicanalista Leomara de Araújo Bürgel, especialista em Distúrbios da Comunicação e Mestre em Psicologia Clínica/Psicanálise

uma possibilidade de expressão do sujeito na linguagem, conforme a sua constituição psíquica.

Não se trata de trabalhar para aprimorar ou ensinar fluência, mas sim, conseguir mantê-la. A gagueira não é um problema de fala ou de linguagem que se dá a ver na fala e no corpo, mas um problema no "falar com o outro". Um problema que impede o sujeito de se virar no mundo a partir de sua pala-

vra, o que acarreta grande sofrimento e grandes inibições.

Vejo a gagueira como um sintoma que indica uma posição de insuficiência no laço linguístico discursivo com o outro.

Superação

A gagueira, de acordo com o DSM V (2013) e muitos estudos das neurociências, inicia na infância. Ainda existe a crença de que ela se resolve por si

só e que nenhuma intervenção se faz necessária. Muitas vezes, os pais são orientados a fazer de conta que nada está acontecendo, a "esperar que passa" ou a pressionar o filho para falar sem gaguejar. Nenhuma dessas atitudes é, de fato, recomendada.

A Fonoaudióloga e Presidente do Instituto Brasileiro de Fluência-IBF, Anelise Junqueira Bohnen, de Porto Alegre, se empenha para que exista especialização sobre estes distúrbios que atingem cerca de 5% das crianças no Brasil e mais de dois milhões de adultos e que, muitas vezes, é motivo de preconceito e bullying. A especialista diz que é preciso romper "os preconceitos e a ignorância" em torno de um distúrbio que tem causas no cérebro.

— Achavam (e ainda hoje muitos fonoaudiólogos continuam achando) que gagueira tivesse origem emocional. Atualmente, sabe-se que a gagueira é o resultado de falhas nas áreas responsáveis pela sincronia motora da fala, em regiões bem definidas do hemisfério esquerdo do cérebro — ressalta Anelise, mestre em Fonoaudiologia pelo Ithaca College (EUA).

A fonoaudióloga diz que o estado emocional (nervosismo, raiva, tensão e ansiedade) apenas exacerba a gagueira

já existente, e que isso ocorre apenas para algumas pessoas que gaguejam. Especializada no tema pela Fundação Americana de Gagueira e Northwestern University, Anelise informa que cientistas já provaram o envolvimento de genes neste distúrbio da fala. Também está confirmado que, ao redor de dois terços dos pacientes têm história familiar positiva.

Numa tese de doutorado para o curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Anelise investigou 60 crianças e 60 adultos com gagueira, entre 1986 e 2005. Num total de 12 mil palavras pronunciadas, houve rupturas em 1.326 delas. Em 97% das vezes, as gagueiras localizaram-se nas primeiras sílabas das palavras. Outra conclusão interessante: 48% das gagueiras ocorreram em monossílabos, especialmente em preposições e conjunções nas monossílabas átonas, e verbos e pronomes pessoais nas monossílabas tônicas.

A gagueira não tem cura completa no adulto, mas pode ser controlada com bastante sucesso. Já na criança, há de 98% a 100% de chances de superar a gagueira se o tratamento for o mais próximo possível do surgimento das rupturas.

Redação: Rose Maria, Maurício Junior, Everson Mizga e Cibele Avendano ■



SISTEMA DE CONSELHOS DE FONOAUDIOLOGIA

CFFa – 12º COLEGIADO

Gestão Abril 2016 a Abril 2019

Presidente: Thelma Regina da Silva Costa – CRFa 2-4211

Vice-Presidente: Marlene Canarim Danesi – CRFa 7-0439

Diretora-Tesoureira: Sílvia Maria Ramos – CRFa 5-121

Diretora-Secretária: Márcia Regina Teles – CRFa 2-3957

Assessora da Comissão de Divulgação: Suzana Campos –
Jornalista Responsável – MTB 4390527

Crefono 1

Presidente: Lucia Provenzano – CRFa 1-1700

Vice-Presidente: Lígia Ribeiro – CRFa 1-11220

Diretora-Secretária: Kátia Santana – CRFa 1-5399

Diretora-Tesoureira: Vanessa Jurelevicius – CRFa 1-11196

Crefono 2

Presidente: Márcia Cristiane de F. M. Civitella – CRFa 2-4619

Vice-Presidente: Vera Regina Vitagliano Teixeira – CRFa 2-1458

Diretora-Secretária: Heloisa de Oliveira Macedo – CRFa 2-4524

Diretora-Tesoureira: Ana Leia Safro Berenstein – CRFa 2-3979

Crefono 3

Presidente: Francisco Pletsch – CRFa 3-4764

Vice-Presidente: Josiane Borges – CRFa 3-5984

Diretora-Secretária: Jozélia Duarte B. de Paula Ribas – CRFa 3-2831

Diretora-Tesoureira: Solange Coletti Schnekenberg – CRFa 3-4081

Crefono 4

Presidente: Juliana de Arruda Fraga – CRFa 4-7880

Vice-Presidente: Sílvia Damasceno Benevides – CRFa 4-5719

Diretora-Tesoureira: Bianca Arruda

Manchester de Queiroga – CRFa 4-5115

Diretora-Secretária: Jônia Alves Lucena CRFa – 4-5048

Crefono 5

Presidente: Christiane Camargo Tanigute -CRFa 5 - 0323
Vice – Presidente: Marcia Regina Salomão - CRFa 5 - 0180
Diretora Secretária : Neyla Arroyo Lara Mourão - CRFa 5 – 020
Diretora Tesoureira: Eliana Souza da Costa Marques -CRFa 5 - 0453

Crefono 6

Presidente: Cláudia Gomes Ligocki – CRFa 6-7697-2
Vice-Presidente: Gabriela Cintra Januário – CRFa 6-3314
Diretor-Secretário: Tiago Costa Pereira – CRFa 6-7101
Diretora-Tesoureira: Nadiana Moreira de Andrade – CRFa 6-1804

Crefono 7

Presidente: Luciana Kael de Sá – CRFa 7-6174
Vice-Presidente: Lea Travi Lamonato – CRFa 7-9087
Diretora-Tesoureira: Daniela Zimmer – CRFa 7-10869-2
Diretora-Secretária: Simone Lorelei Meneghetti – CRFa 7-6536

Crefono 8

Presidente: Charleston Teixeira Palmeira – CRFa 8-4367
Vice-Presidente: Kenia Andrade do Nascimento Gondin Lemos CRFa 8-8581
Diretora-Tesoureira: Lia Maria Brasil de Souza Barroso – CRFa 8-5676
Diretora-Secretária: Fernanda Mônica de Oliveira Sampaio – CRFa 8-4678

CONSELHO EDITORIAL

CFFa

Suzana Campos – Jornalista
Sílvia Ramos – Conselheira
Marlene Danesi – Conselheira
Mônica Petit – Conselheira
Mônica Karl – Conselheira

Crefono 1

Rose Maria – Jornalista
Lígia Ribeiro – Conselheira

Crefono 2

Márcia Gama – Conselheira

Crefono 3

Emerson Mizga – Jornalista
Simone Ferreira dos Santos – Conselheira

Crefono 4

Maurício Júnior – Jornalista
Jônia Lucena – Conselheira

Crefono 5

Danilo Mantovani – Conselheiro

Crefono 6

Isadora Dantas – Jornalista

Cláudia Gomes Ligocki – Conselheira

Crefono 7

Cibele Avendano – Jornalista

Luciana Kael de Sá – Conselheira

Crefono 8

Thaiane Firmino – Jornalista

Charleston Teixeira Palmeira – Conselheiro

REVISTA COMUNICAR PRODUÇÃO EDITORIAL

Projeto Gráfico - IComunicação

Diagramação - Suzana Campos



PARA ANUNCIAR

Tel. (61) 3322-3332

e-mail: fono@fonoaudiologia.org.br

Como entrar em contato com a Revista Comunicar:

SRTVS Qd. 701, Ed. Palácio do Rádio II – Bl. E,

Salas 624/630 – Tel.: (0 ** 61) 3322-3332

3321-5081/3321-7258 – Fax: (0 ** 61) 3321-3946

e-mail: imprensa@fonoaudiologia.org.br

site: www.fonoaudiologia.org.br